FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR
NUCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA- NCET
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PAITEREY KARAH: A TERRA ONDE OS PAITEREY SE ORGANIZAM E REALIZAM A GESTÃO COLETIVA DO SEU TERRITÓRIO.

GASODÁ SURUÍ

PORTO VELHO/RO
2018

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR

NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PAITEREY KARAH: A TERRA ONDE OS PAITEREY SE ORGANIZAM E REALIZAM A GESTÃO COLETIVA DO SEU TERRITÓRIO.

GASODÁ SURUÍ

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - Área de Concentração: Ambiente e Território na Pan-Amazônia - Linha de Pesquisa: Território e Sociedade na Pan-Amazônia – TSP, para a obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva

Porto Velho/RO
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S962p Surui, Gasodá.

Paiterey Karah: a terra onde os Paiterey se organizam e realizam a gestão coletiva do seu território / Gasodá Surui. -- Porto Velho, RO, 2018.

98 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Paiter Surui. 2.Marcadores Territoriais. 3.Paiterey Karah. 4.Gestão Coletiva. I. Silva, Adnilson de Almeida. II. Título.

CDU 911.3

Bibliotecário(a) Cristiane Marina Teixeira Girard CRB 11/897

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte, mediante autorização expressa do autor e do POVO PAITER SURUÍ.

PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM GEOGRAFIA
Ambiente e Território na Pan-Amazônia

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
UNIR

Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra
Departamento de Geografia
Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG/UNIR

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Gasodá Suruí

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pelo Orientador e Presidente **Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva – Orientador/Presidente** e constituída pelos examinadores: **Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva**/Examinadora Interna/PPGG/UNIR, **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** – Examinador Interno/PPGG/UNIR e **Profa. Dra. Josélia Gomes Neves** - Examinadora Externa/PPGEE/MEPE/UNIR, reuniram-se em 07 de setembro de 2018, às 9 horas, na Escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio Izidoro de Souza Meirelles – Linha 09, Aldeia Paiter – Terra Indígena Sete de Setembo - Cacal/RO, para avaliar a dissertação de mestrado intitulada: ***"Paiterey KÃRAH: A Terra onde os Paiterey se organizam e realizam a Gestão Coletiva do seu Território"*** do mestrando **Gasodá Suruí,** matrícula 201621322. Após a explanação do pós-graduando e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADO. O Candidato terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada.

Porto Velho-RO, 07 de setembro de 2018.

Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva
Orientador/Presidente

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Examinadora Interna/PPGG/UNIR

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Examinador Interno/PPGG/UNIR

Profa. Dra. Josélia Gomes Neves
Examinadora Externa/PPGEE/MEPE/UNIR

Campus José Ribeiro Filho – BR 364, Km 9,5 sentido Acre, CEP: 76806-679 – Porto Velho-RO
Bloco 1T, Sala 18, 3º piso – CEGEA - E-mail: posgeografia@unir.br - Fone: 2182-2190

DEDICATÓRIA

Dedico especialmente aos meus filhos: Mapid Eitxa Elewa Gãmeb Surui e Oya-Pangawaron Gãmeb Surui que são as maiores bênçãos da minha vida ofertada pelo PALOB, à minha mãe Manganogan Surui, incentivadora e torcedora maior em toda minha vida, a Maria Leonice Tupari pelo apoio e companheirismo durante tempo de estudo. Aos meus irmãos, Garixama, Mopilabatem, Yab-lor, Rolotaba, Gabriela, Chicoepab, Urariwe, Marcela, Fabrício Surui, pelo apoio, incentivo, que também me presentearam com informações e reflexões compartilhadas sobre os povos indígenas, principalmente sobre o território e cultura, em especial ao povo Paiter Surui a qual integramos.

IN MEMORIAM

Dedico ao meu bah (pai), Ikon Surui, de saudosa memória que infelizmente não pode estar presente neste momento tão feliz da minha vida, mas que não poderia deixar de dedicar a ele, pois se hoje estou aqui, devo muitas coisas a ele e por seus ensinamentos e valores passados. Obrigada por tudo! Saudades eternas!

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a todo poderoso Palob, criador de todas as coisas, que me deu sabedoria, paciência e conhecimento para entender o universo do povo indígena Paiter Surui e suas representações e por ter me dado a permissão de chegar até aqui, e por toda a força concedida na concretização desse sonho.

Ao povo Paiter Surui e ao meu clã Gãmeb (marimbondo preto) por ter me dado a oportunidade de pesquisá-los sobre a nossa cultura e os seus valores e por me ensinarem que o mundo Paiter é muito maior do que eu imaginava.

Ao meu orientador professor Dr. Adnilson de Almeida Silva pela orientação prestada, pelo seu incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou. Aqui lhe exprimo a minha gratidão;

Aos meus tios e meus doutores Ubajara e Nahêga Surui pelo repasse do conhecimento tradicional Paiter para elaboração e enriquecimento da minha dissertação;

Aos meus familiares da Aldeia Paiter que contribuíram na elaboração e construção de mapas mentais e calendário cultural Paiter para o meu trabalho.

Ao meu parente e irmão Francisco Oro Waran companheiro de luta e mestrando do PPGG/UNIR.

À Associação Metareilá do Povo Paiter Surui pelo reconhecimento e a importância da minha dissertação para o povo Paiter;

À Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé em nome da sua equipe pelo apoio aos povos indígenas na luta e pela defesa dos seus direitos.

À indigenista e ambientalista Ivaneide Bandeira Cardozo, conhecido como (Neidinha), pelo apoio, incentivo e me recepcionar na sua residência;

Ao meu amigo linguístico do Museu Paraense Emilio Goeldi Denny Albert Moore pelo apoio prestado;

Ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, por oportunizar o ingresso de discentes

indígenas, de modo a dar visibilidade à sua causa e valorizar seus conhecimentos, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem é uma via de mão dupla;

Às bancas de qualificação e defesa final por contribuírem com suas experiências, recomendações para que o texto dissertativo adquirisse a arte e o rigor científico.

E finalmente, mas igualmente relevante à Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia - FAPERO pela bolsa de estudo durante os anos de Mestrado, sem a qual seria muito mais difícil chegar aonde cheguei e alcancei os objetivos para mim que também e importante para o meu povo Paiter.

“Bagãh ter pajinah Paiter gãrbah iwai kabih eh. Eweh neh koih poloh sah denah oneh akawar awekay anĩh eh. Mĩĩh nheh mĩh poloh sadeh aweh ikĩh anĩh e. Eboh anãh reh palah deh paweitxah mĩh iãh kah palah bah eweh sadenah paboh napah ter anĩh e. Eweh neh koih paloh sadenah wabah bãgah ter xogĩh mãh ielekah aweh atĩh anĩh e.”

“Somos todos humanos perante ao criador. Por isso todos nós temos direito a vida com dignidade, acima de tudo respeito um aos outros. Só assim teremos um mundo melhor com oportunidades para todos, visto ser habitantes de um mesmo Planeta, o qual passa por grandes transformações. Se um povo sofre com problemas ambientais, sociais e políticas, de alguma forma atinge aos demais”.

Manganogan Surui – Anciã Paiter do Clã Kaban

RESUMO

A dissertação realiza uma abordagem sobre a importância da Gestão Coletiva da Terra Indígena Sete de Setembro para proteção do território e valorização e preservação da cultura Paiter. Povo indígena também conhecidos como os Surui de Rondônia. Mas para que concretize essa gestão coletiva e preciso construir estabelecimento da gestão territorial e ambiental do território indígena Sete de setembro. Os diagnósticos sócios ecológicos, os planos de gestão e outros instrumentos, o etnomapeamento possibilita a construção de cenários sobre o uso e a conservação do território. A luta do povo Paiter Surui está centrada na demarcação, proteção do seu território, assim também como o uso responsável e sustentável dos recursos naturais e culturais do seu território. As metodologias usadas para melhor compreender o tema, foram às revisões bibliográficas, atividades de campo as aldeias para entender qual a visão dos Paiter Surui sobre a importância do seu território e da sua cultura tradicional, assim como das ferramentas metodológicas que foram elaboradas para ajudar a gestão coletiva do território Paiter. Durantes as pesquisas de campo desenvolvemos várias atividades nas aldeias junto com as comunidades, como: roda de conversa, entrevistas, produção e elaboração de mapas mentais e calendário cultural. O conhecimento do povo Paiter fortalece a sua luta pela defesa dos seus direitos constitucionais. Portanto essa reflexão junto as comunidades e muito importante para que se tenha uma compreensão de como o povo Paiter se organiza e planeja no dia a dia a gestão coletiva do seu território, assim de fato garantir a autonomia e melhoria de qualidade de vida do seu povo e das futuras gerações que visa um planejamento de meio e longo prazo.

PALAVRAS-CHAVES: 1. Paiter Surui. 2. Marcadores Territoriais. 3. Paiterey Karah. 4.Gestão Coletiva.

PAITER KOE NA IWE TIG E SADE E

Ah gõbaweh ixoh tĩg esah danah, kãnah Paiterey emãh gĩnah amah Paiter eweh sameh eh mĩh aweitxah akarah kah ani inah e. E boh tah sed esah denah Surui de Rondônia wah mah iteh wah ani e. E boh kãnah Paiterey emah gĩnah toih abah gĩah ter toih karah esed esadeh Sete de Setembro eitxah toih abah enãb ner nah toy ekabih mãh ieleh kah iweh sameh mah gãh anih e. E boh toih abah iweh sameh mãgah gĩah ter mãh ieleh kah tah sah denah iweh sameh mãgah gĩah ter aweh kabih anĩh e. E boh tah sah denah sodĩg emih ajeh akarah eixoh tĩg emagãh emih. Eweh neh koih ter tah sah denah iweh sameh pileh nah anih e. E boh emih ter tah sah denah iweh sameh ikin alah deh mih giah ter mah gah anĩh e. Matereh emid ter Paiter Surui esah dih nah akarah ah tĩd alah deh weh sameh itxah anih e. Eweh neh koih tah sah dih nah gĩah mãh gãrah ibeweh ewah alah tar anih e. E boh enah ladeh iweh sameh ikin ekah neh ekah ojanah okoh bah ter iweh tig emagah ladeh eweh amah kah anah e. Ah eih esah amãh lad esameh itxah iab eih pih Paiterey nah e. Eh iab eh koih ojenah tah ma iãn wah pah ladeh koih bagah ter soeh kar tah kaih enah e. Kãnah tah mah ginah aweh itxah anih boh lah mah ih ojeh nah e. Eh mĩh ojenah iweh sah meh ih kin enah e. Eweh eh mih ter ojenah iweh tig eh mah gãh enah e. Eh teh enah toih xadeh toih eweh mah weh wah pah eh koih toih jenah bagah ter soeh kar toih ekaih eh. Eweh mĩh tah jenah anah toih xah toih eih txah toih jeh mah eh ter rah anih ãn iweh ixoh tig emah gah enah e. Soeh sameh itxah eladeh emĩh ter Paiter esah dinah aperekah aweh itxah anih e. E boh eweh mih toih ah soeh sameh itxah weh esah denah toih pereh poh sãh nah anih e. Eweh Pakob eih txah toih sah deh emih toih sadeh nah toih karah ah tĩh anih e. E boh eweh min kãnah toih agãh toih eitxah toih karah kah mãn eleh itxah toih ekab. E boh eweh mĩh toih xadenah xogĩh toih eitxah enah ner nãh anĩh e. E boh eweh sameh emĩh soeh magãh toih ah Paiterey ekabih.

IWEH TIG ESAH KAB: 1. Paiter Iter. 2. Soesameitxaweh. 3. Paiterey Karah. 4. Gãrah Itxah weh.

ABSTRACT

The dissertation takes an approach on the importance of the Collective Management of the Sete de Setembro Indigenous Land for the protection of the territory and the valorization and preservation of the Paiter culture. Indigenous people also known as the Suruí of Rondônia. But in order to achieve this collective and precise management, it is necessary to build an establishment of the territorial and environmental management of the indigenous territory September Seven. Ecological partner diagnoses, management plans and other instruments, ethnomapulation allows the construction of scenarios on the use and conservation of the territory. The struggle of the Paiter Suruí people is centered on the demarcation, protection of their territory, as well as the responsible and sustainable use of the natural and cultural resources of their territory. The methodologies used to better understand the subject were to the bibliographical reviews, field activities the villages to understand what the Paiter Suruí's view on the importance of their territory and their traditional culture, as well as the methodological tools that were developed to help collective management of the Paiter territory. During the field research we developed several activities in the villages together with the communities, such as: conversation wheel, interviews, production and elaboration of mental maps and cultural calendar. The knowledge of the Paiter people strengthens their struggle for the defense of their constitutional rights. Therefore, this reflection with the communities is very important so that one can have an understanding of how the Paiter people organize and plan in the day to day the collective management of their territory, thus in fact guaranteeing the autonomy and improvement of the quality of life of its people and future generations that aims at medium- and long-term planning.

KEYWORDS: 1. Paiter Surui. 2. Territorial Markers. 3. Paiterey Karah. 4. Collective Management.

SIGLAS

AGIR – Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia

CGI - Consórcio Garah Itxah

COPIR – Coordenadoria dos Povos Indígenas de Rondônia

CSF – Conservation Strategy Fund

CUSL - Centro Universitário São Lucas

ECAM – Equipe de Conservação da Amazônia

FAPERO - Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

GEPCultura – Grupo de Estudos e Pesquisa Modos de Vida e Culturas Amazônicas

IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil

KANINDÉ – Associação de Defesa Etnoambiental

METAREILÁ – Associação Metareilá do Povo Surui

PGTIS - Plano de Gestão da Terra Indígena Sete de Setembro

PNGATI – Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas

POLONOROESTE - Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil

PROUNI - Programa Universidade Para Todos do Governo Federal.

TISS – Terra Indígena Sete de Setembro

TIPG - Terra Indígena Paiterey Karah

UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia

USAID - United States Agency International Development

WAGÔH PAKOB – Centro Cultural Indígena Paiter

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....15
CAPÍTULO I: DIÁLOGOS ENTRE SABERES E MUNDOS 29
CAPÍTULO II - QUEM SÃO OS PAITEREY - HISTÓRIA E TERRITÓRIO 36
2.1 A HISTORIA DE ORIGEM DO POVO INDIGENA PAITER SURUI 37
2. 2 – CONTATO DOS PAITER COM OS YARAH-EY (POVO NÃO INDIGENA). . 39
2.3. ORGANIZAÇÃO SOCIAL PAITER 43
2.4. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA TRADICIONAL PAITER – SISTEMA DE GOVERNANÇA PAITER 44
2.4.1. PARLAMENTO PAITER OU SISTEMA DE GORVERNANÇA PAITER 45
2.5. PAITEREY KARAH – TERRITÓRIO ONDE VIVEM OS PAITEREY..... 49
2.5.1. ALDEIAS DO TERRITÓRIO INDIGENA PAITEREY KARAH..... 50
2.5.2. ASSOCIAÇÃO METAREILÁ DO POVO SURUI..... 52
2.6. TERRITORIO E TERRITORIALIDADE..... 52
2.61. TERRITORIO E TERRITORIALIDADE PAITER. 53
CAPÍTULO III - FESTAS E RITUAIS TRADICIONAIS PAITER 63
3.1. RITUAIS SAGRADOS DO POVO PAITER 63
3.2 MAPIMAÍ – FESTA DA CRIAÇÃO DO MUNDO PAITER 66
3.3 GÃMAGÃREH –WEH – DERRUBADA DA ROÇA 68
3.4 WEYXOMAREH –WEH – FAZER PINTURA CORPORAL..... 70
3.5 HÔ-ÊI-Ê-TÊ – O CANTO DO PAJÉ: MANIFESTAÇÕES ARTISTICAS RELACIONADAS ÀS PRÁTICAS DE SAÚDE OU “FESTA EM QUE O PAJÉ CONTROLA OS ESPIRITOS DA ALDEIA”. 71
3.6 LAWAÃÃREH - CONSTRUÇÃO DAS MALOCAS..... 72
3.7 YTXAGÃREH –WEH – PESCARIA COM TIMBÓ. 74
3. 8 MOKAIN KAR-AREH – DIA DE BUSCAR LENHA NA FLORESTA. 75
3. 9 IKÕR, O GAVIÃO REAL - SIMBOLO DA LUTA PAITER 75
CAPÍTULO IV - MAPAS CULTURAIS – O QUE SE ENTENDEM POR MAPAS CULTURAIS E COMO FAZER ESTES MAPAS? 78
4.1 MAPA CULTURAL NA VISÃO E QUAL A SUA IMPORTANCIA PARA OS PAITER? 81
4.2 CALENDÁRIO CULTURAL PAITER – PAITER AGÃRBAH IXOH TIG. 83
CAPÍTULO V - A HISTÓRIA PAITER ATRAVÉS DE IMAGENS 86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....96

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1- Caricatura de homem e mulher Paiter. 39
Figura 2. Primeiro contato com a FUNAI..... 40
Figura 3. Tratamento médico durante o contato..... 42
Figura 4. Itabira repassa o cargo de chefe maior para Almir Suruí. 46
Figura 5. Esquema de representação do Parlamento Suruí. 47
Figura 6 Terra Indígena Sete de Setembro..... 49
Figura 6A. Mapa das aldeias Paiter na Terra Indígena Sete de Setembro. 51
Figura 7. Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob 60
Figura 8. Iatir de milho, Centro Cultural Wagôh Pakob 65
Figura 9. Ritual de Mapimaí no Centro Cultural Wagôh Pakob..... 66
Fig. 10 Gãmagãreh-weh - Roçada e Derrubada durante o Mapimaí..... 69
Figura 11. Pintura Corporal Paiter..... 70
Figura 12 Perpera - Pajé com seu bastão ritualístico..... 72
Figura 13 - Construção da maloca grande pelos Paiter. 73
Figura. 14 - Pescaria com timbó no rio Cachoeira, na Aldeia Paiter. 74
Figura 15 Ikõr – Gavião-real cuida do seu ninho..... 76
FIG. 16 Mapa Cultural da T.I. Sete de Setembro. 80
FIG. 17- Mapa da T.I. Produzido pela comunidade da Aldeia Paiter..... 82
Figura. 18 Calendário Cultural Paiter, produzido na aldeia Paiter..... 84
Figura 19 Aldeia Paiter antes do contato com a FUNAI. 86
Figura 20 Aldeia Paiter após contato com FUNAI. 87
Figura 21 Primeiro contato com a FUNAI..... 88
Figura 22 - Tratamento de epidemias na época do Contato. 89
Figura 23 - Morte por epidemias. 89
Figura 24. Mapeamento cultural..... 90
Figura 26. Roda de conversa com a participação do orientador. 92
Figura 27 Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob. 92
Figura 28 - Pesca com timbó..... 93
Figura 29. Alimentos tradicionais. 93
Figura 30 - Alimento tradicional..... 94
Figura 31 - Produção do calendário Paiter, Aldeia Paiter..... 94
Quadro 1 – Aldeias da Paiterey Karah (T. I. Sete de Setembro)..... 51
Quadro 2 - Dados de janeiro a dezembro do calendário..... 85

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Gasodá Suruí[1], em linguagem Tupi Mondé a qual nós Paiter falamos significa (muita produção ou muita fartura). Recebi esse nome do meu tio materno, irmão mais velho da minha mãe (Ubajara Surui). Nos Paiter conforme a nossa cultura, podemos receber mais de um nome, assim tenho um outro nome que e Wawaeitxapoh[2], que significa em português o caminho dos pajés. Esse nome recebi de um pajé Paiter (Noá), pai do cacique e líder do povo Paiter Itabira Surui, que é primo da minha mãe. Segundo a minha mãe, recebi esse nome do pajé porque vivia muito doente, depois que o pajé me deu o nome nunca mais fiquei doente e cresci e me tornei essa pessoa que sou hoje para o meu povo.

Nasci no dia 01 de agosto de 1979 numa aldeia que fica no final da linha 12, local de primeiro contato com a FUNAI que também e conhecido pelos Paiter de Pawentigãh, que significa (Aldeia do Contato) ou Nabekod-abadakiwah (local onde foram pendurados os facões). Sou casado, pais de um casalzinho de Paiter, (Mapid Eitxa Elewa Gãmeb Surui e de Oya-Pagawaron Gãmeb Surui que são maiores razão do meu viver e sou grato ao Palob por existirem na minha vida.

Sou filho de Ikon Suruí (in memoriam). Meu pai é do clã Gãmeb e minha mãe do Clã Kaban. Ele foi casado com minha mãe Manganogan Surui e com sua irmã Lucia Paweika Surui. Dessas duas relações somos dez irmãos. Da minha mãe Manganogan Surui, somos: Garixama, Luís Mopilabaten, Gasodá Surui (eu), Yab-lor, Andreia Holotaba e Gabriela Surui. Da minha tia Paweika Surui: Chicoepab, Urariwe, Marcela, Fabricio Gatagon Surui.

Éramos para ser mais, outros faleceram ainda crianças, como conta a mamãe e outro mais velho faleceu recentemente. Pertencemos à família do clã Gãmeb (marimbondo preto) que é um dos quatros grupos clânicos que compõem a sociedade Paiter Surui. Culturalmente os filhos sempre seguem o grupo clãnico que pertence ao seu pai. Segundo os Paiter, o sangue do pai sempre e mais forte.

Depois que nasci moramos alguns meses na linha 12 (aldeia do contato), saímos e fomos morar na Aldeia Lapetanha na linha 11, onde só residiam as

---

[1] Gasodá Surui – nome que recebi do meu tio Ubajara Surui, irmão mais velho da minha mãe.

[2] Wawaeitxapoh – nome que recebi de um pajé Paiter, (Noá), pai do cacique e líder Itabira Surui. Quem dá nome para um Paiter ao nascer: avô, tio se for do sexo masculino e avó e tia se for do sexo feminino.

famílias do clã Gãmeb. Como meu pai era do clã Gãmeb ele foi morar com seus parentes/seus irmãos. Nos Paiter sempre moramos em família.

Já em 1983 junto com meus pais saímos da Aldeia Lapetanha Linha 11 e fomos morar na aldeia Paiter na linha 09. Esta foi fundado pelos meus tios, irmãos da minha mãe: Raimundo Nahêga e Ubajara Surui. Grandes guerreiros e meus professores da cultura e do conhecimento Paiter, a qual exprimo grandes e profundas admirações. Considero como meus segundos pais, pois sempre estiveram presentes em minha vida, me deram apoio e incentivo na ausência do meu pai que me deixou muito cedo, isso tem me fortalecido bastante para que eu pudesse me firmar na minha caminhada como estudante. Graças ao apoio e incentivo dos meus familiares consegui conclui mais uma etapa importante da minha vida.

Para um povo recém contatado como os Paiter, nenhuma conquista e tão importante quanto ao um conhecimento adquirido no mundo acadêmico, esse por sua vez se torna em uma ferramenta de diálogo e construção na luta pela defesa e garantia dos direitos o seu povo.

Foi lá que aos sete anos de idade iniciei pela primeira vez a minha trajetória fora da aldeia, quando fui estudar na escola não indígena localizada próximo a Aldeia Paiter, iniciei e conclui o meu primário nesta escola, com o nome de Escola Municipal Álvaro Lins, até porque na época não existia nenhuma escola nas aldeias indígenas Paiter Surui.

Logo em Seguida em 1991 após conclui o meu primário fui morar em Riozinho, pequeno distrito do município de Cacoal no estado de Rondônia para dar continuidade aos meus estudos. Lá tinha alojamentos para estudantes indígenas construída pela – FUNAI[3] - Fundação Nacional do Índio de Cacoal num terreno a qual funcionava a sede Administrativa do próprio órgão indigenista. Nessa casa de estudantes vinha estudantes de várias aldeias indígenas da região (Paiter Surui, Cinta-Larga) para estudar e se qualificar com intuito de ajudar o seu povo.

Foi em Riozinho, localizado a 12 quilômetros do mesmo que comecei e conclui o meu ensino fundamental em 1995. Lembro que fiquei sem estudar no

[3] FUNAI – Fundação Nacional do Índio - órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Foi criado pela Lei 5 371, de 5 de dezembro de 1967. É vinculado ao Ministério da Justiça. Sua missão é coordenar e executar as políticas indigenistas do Governo Federal, proteger e promover os direitos dos povos indígenas.

ano de 1994, devido à morte do meu pai por problema de saúde. Não tive mínimas condições emocionais e psicológicas para continuar a estudar. Recuperei logo e voltei a estudar no ano seguinte para concluir o meu ensino fundamental.

De 1996 a 1999 estudei na EFA[4] e fiz o curso de técnico em Agropecuária com ensino semi-internato localizado próximo a Riozinho na Linha 10 na região de Cacoal. Mas não conclui o curso inteiro pelo fato de não conseguir estágios conforme exigido pela grade curricular do curso e isso me impediu para que eu não concluísse como técnico em Agropecuária.

Isso me desanimou e fiquei parado no tempo por alguns anos sem estudar e descontrolei-me da vida de estudante e me fixei na aldeia junto da minha família e também ajudei na roça para o sustento da nossa família. Só em 2004 que me esforcei a pedido e incentivo da minha mãe a voltar a estudar de novo e com objetivo de concluir mesmo o meu ensino médio.

Portanto fui para cidade de Cacoal a procura de escola que apresentasse a melhor maneira de concluir o restante que faltava com mais rapidez. O único que tinha ensino do modo que eu precisava era o Centro de Ensino Educação de Jovens e Adultos Aída Fibiger de Oliveira - CEEJA. Pois lá eles tinham ensino seriado e assim me matriculei nessa Escola em Cacoal para concluir o último ano que me restava para obter o certificado de Ensino Médio pelo sistema de ensino seriado, assim conclui no final do mesmo ano, depois de quase mais de cinco anos parado sem estudar.

Com 25 anos de idade, no segundo semestre do ano de 2005 surgiu a oportunidade de dar continuidade aos meus estudos. A Faculdade São Lucas, hoje o Centro Universitário São Lucas de Porto Velho, primeira instituição de ensino superior a oferecer vestibular insetos para indígenas em Rondônia. Se inscreveram para esse vestibular quatros indígenas do povo Paiter Surui. Eu me inscrevi para o curso de turismo para concorrer com todos e passei em 4º lugar. E os outros três se inscreveram em biologia, administração, fomos aprovados assim cada um em seus respectivos cursos e entramos para história do nosso povo Paiter Surui por sermos os primeiros a ingressarem no ensino superior em uma instituição no estado de Rondônia.

[4] Escola Família Agrícola

Depois de todos serem aprovados nos seus cursos veio outro desafio: como poderíamos pagar as mensalidades para prosseguir nos estudos. Como temos um líder que preocupa com o futuro do seu povo que é o Almir Narayamoga[5] Suruí do clã Gãmeb, Coordenador da Associação Metareilá que na época entrou em contato com o diretor da Faculdade juntamente com a Ivaneide[6] Bandeira Cardozo da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé e conseguiram por meio desta, bolsas de estudo integrais para nós quatro para continuarmos a estudar.

Iniciamos as aulas no segundo semestre do ano de 2005. Já a aula em andamento a universidade participou do programa Universidade Para Todos do Governo Federal e pediu para que fizéssemos a prova do PROUNI para facilitar os estudos. Mais uma vez fui feliz, consegui obter uma boa nota e fui contemplado com uma bolsa de estudo integral financiado pelo Programa Universidade Para Todos do Governo Federal - PROUNI.

Estava no quarto período da graduação em Turismo e fui chamado para estagiar numa organização não governamental ambientalista e indigenista a Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé com sede na cidade de Porto Velho. Foi lá que aprendi e me aperfeiçoei nas práticas de tudo que conseguia aprender dentro da sala de aula por dois anos, nos quais convivi e aprendi com vários profissionais de vários segmentos que atuavam lá.

Era um estágio renumerado que foi muito significante para minha manutenção durante os tempos da faculdade. E como o meu curso tinha duração de quatro anos e conclui no final do primeiro semestre de 2009, com a apresentação do meu Trabalho de Conclusão de Curso, tirei a nota máxima e o tema não poderia ser diferente da área: “Etnoturismo na Terra Indígena Sete de Setembro: Uma Alternativa de Valorização da Cultura e do Território Indígena Sete de Setembro”. Em seguida só veio festas e comemorações, o momento mais esperado a minha colação de grau e por fim depois de quatro anos longe do meu povo e da minha família retornei para o meu território e junto da minha comunidade na aldeia Paiter Linha 09.

---

[5] Nome em Tupi Mondé do Almir Surui, do líder maior do povo Paiter. Eleito em 2011 na primeira eleição do parlamento Paiter na aldeia Lapetanha na linha 11.

[6] Indigenista, ambientalista e sócio fundadora da Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé

Não demorou muito, logo na primeira assembleia geral dos Paiterey que participava, já como profissional do turismo, fui convidado pelos presentes e pelo cacique Almir Narayamoga Suruí para ocupar o cargo de Coordenador de Cultura Paiter no Departamento de Cultura da Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí, com sede no município de Cacoal.

Eleito como Coordenador de Cultura e passei a fazer parte da diretoria da Associação Metareilá comecei a participar e representar o povo Paiter a convite das instituições parceiras, universidades e fundações nas reuniões e palestras por todo Brasil, Europa, México, Guatemala, Peru e Bolívia. Assim passei a atuar como turismólogo e na representação do meu povo em movimentos sociais, ambientalista e indigenista pelo mundo, com isso carrego até hoje essa bandeira de luta e de resistência indígena do Paiter.

Essas experiências me permitiram conhecer o quanto é difícil ser indígena e o quanto precisamos lutar pelo nosso povo Paiter Surui na defesa e garantia dos seus direitos e principalmente do nosso território, pois o meu povo foi dentre os muitos povos originários do estado de Rondônia, que lutaram para conquistar e demarcar o seu território, onde vivem até hoje, graças ao empenho, dedicação e pressão dos nossos líderes na época junto ao Governo. E hoje muito desses líderes já morreram, inclusive o meu saudoso pai que contribuiu junto com outras lideranças Paiterey.

Sinto-me muito feliz por ser filho desse grande guerreiro que deixou seu legado para que eu possa dar continuidade. Durante os anos de 2009 a 2015 exerci o cargo de Coordenador de Cultura Paiter na Associação Metareilá tive a felicidade de compartilhar com o meu povo com o conhecimento adquirido durante os quatro anos de graduação, além de outros trabalhos que acompanhei, e as reuniões, assembleias com as comunidades das aldeias existentes no território Sete de setembro.

Dentre essas atividades, a de maior destaque na minha concepção foi a Elaboração do Plano de Turismo Paiter no âmbito da proposta do Plano de Gestão da Terra Indígena Sete de Setembro que é considerado o Programa de Desenvolvimento Sustentável dentro do território indígena Paiter e serviu de exemplo para outras terras indígenas no Brasil.

A elaboração do Plano de Turismo Paiter se deu por meio do Consórcio Garah Itxah que em Tupi Mondé significa (unidos com floresta), que foi um

programa em que várias instituições ambientalistas (Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé[7], Equipe de Conservação da Amazônia – ECAM[8], Instituto de Educação do Brasil – IEB[9], Fundo de Conservação Estratégica[10]) e indígena (Associação Metareilá do Povo Indígena Surui) abraçaram a mesma causa e se juntaram para fazer vários planos de ação junto aos povos indígenas em Rondônia e Sul do Amazonas. Esse trabalho foi financiado pela USAID - Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Minha participação no programa se deu na elaboração do Plano de Turismo Paiter desde o início até a sua conclusão.

Ao refletir sobre dar continuidade aos meus estudos no final do ano de 2015 me afastei do Cargo de Coordenador de Cultura e dos trabalhos da Associação Metareilá. Assim me inscrevi para o edital do processo de seleção de 2016 de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Mais uma vez tive a felicidade de me classificar em quinto colocado no processo de seleção, concorri com todos e assim entrei para a história do meu povo como o primeiro Paiter a ingressar num Mestrado na Universidade Federal de Rondônia.

Ao entrar na Associação Metareilá do Povo Indígena Surui para trabalhar após a minha conclusão do Curso de Turismo, voltei para o meu povo com objetivo de dedicar a minha vida profissional ao desenvolvimento de projetos, e a tentar compreender como ajudar a defender o meu povo Paiter no processo de luta pela nossa sobrevivência física e cultural.

Esse compromisso permitiu-me continuar em busca de me aperfeiçoar cada vez mais, para melhor contribuir para o fortalecimento do nosso modo de vida e assim nos apropriarmos de instrumentos para a melhoria das nossas condições de vida pós-contato com a sociedade não-indígena. E também entendi que através do meu trabalho de Mestrado em Geografia poderíamos trazer melhores informações e compreensão do território indígena, suas espacialidades e territorialidades, e “descobrir” os modos de pensar do coletivo Paiter sobre o território onde habitam.

---

[7] Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, sem fins lucrativos.

[8] Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), voltada para proteção biocultural da Amazônia e dos povos que nela residem.

[9] Instituição brasileira do terceiro setor dedicada a formar e capacitar pessoas, bem como fortalecer organizações nas áreas de manejo dos recursos naturais, gestão ambiental e territorial.

[10] Ong que contribui para a preservação de ecossistemas naturais e de comunidades humanas através da elaboração de estudos e projetos baseados em economia da conservação.

Tenho plena certeza que o meu trabalho será muito útil para o meu povo, pois poderá muito bem fazer com que os Paiter possam entender que a terra (território) é mais que um recurso natural e meio de subsistência, ela representa o suporte para a vida do coletivo e está ligada aos valores ancestralmente adquiridos.

A Terra Indígena não é propriedade privada, mas é um bem comum do coletivo que nela habita, pois como afirma Almeida Silva (2010), para os coletivos indígenas, os elementos que se apresentam no espaço fazem parte de sua vida e são fundamentais na presentificação dos mitos, ritos e símbolos.

Esta importância é ainda maior ao considerar que ainda mais diante dessa crise política que passamos no Brasil, pela falta de comprometimento dos nossos governantes que afeta diretamente e indiretamente a sociedade nacional e muito mais aos povos indígenas e em destaque a política indigenista, que pressiona diretamente a vida social, cultural e econômica dos povos indígenas, que vinham de inúmeros sofrimento devido às fortes consequências do contato com a sociedade não indígena.

Em razão disso, indago que é por isso nós como povos indígenas precisamos ter em mente: o que fazer? O que queremos? E onde queremos chegar? Assim de fato alcançarmos a tão sonhada autonomia indígena que sempre lutamos para o nosso povo, pois precisamos andar com as nossas próprias pernas em busca de garantia e melhoria de qualidade de vida para o nosso povo e como pesquisador indígena posso contribuir na realização desse sonho.

A minha maior dificuldade durante o meu Mestrado foi a compreensão do texto e da língua portuguesa, principalmente das palavras técnicas e científicas. Embora tenha tentado superar com a ajuda do dicionário, das pesquisas na internet no Google Earth e com muito apoio do meu orientador tanto nas pesquisas teóricas como na prática, essas contribuíram bastante para vencer todos esses obstáculos que enfrentamos ao longo do curso, mas claro que isso serviu de lição. Sabemos que na vida nada é fácil, tudo que conseguimos tem que ser na luta e tudo que perdemos serve de aprendizado. Assim tem sido a nossa luta como indígena.

Além dos desafios de adaptação ao Curso de Mestrado também tive outras dificuldades extras antes de ser contemplado com a bolsa de pesquisa pela

Fundação de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia, foi a falta de condições financeiras para me manter em Porto Velho durante os tempos das aulas, principalmente com o deslocamento da aldeia para cidade de Porto Velho, para cursar disciplinas no campus da Universidade e hospedagem durante os dias de aulas em Porto Velho.

Graças a Palob[11] (nosso Deus) temos pessoas amigas e conhecidas que me ajudaram a superar esse momento, como o meu orientador professor Dr. Adnilson de Almeida Silva pelo incentivo e forte acompanhamento na avaliação dos trabalhos, seminários e pesquisa de campos realizados, e também a pessoa da Ivaneide Bandeira Cardozo, da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé de Porto Velho, a quem eu considero uma segunda mãe que em alguns momentos apoiaram com passagens de Cacoal x Porto Velho x Cacoal de ônibus por várias vezes e também me acolheu na sua residência.

Também o apoio e incentivos dos meus familiares: mãe, esposa e filhos foram importantíssimos para os meus dois anos de Mestrado, me trouxeram ânimo, força e coragem para pudesse prosseguir e assim concluir com bastante êxito o meu estudo. Não posso deixar de citar os apoios pessoais e institucionais.

Desta maneira, compreendi que o Mestrado em Geografia poderá contribuir, aprimorar uma abordagem clara para tratar a dimensão cultural e da dinâmica social, exercidas pelo povo Paiter Surui em relação ao seu território, mas lembro que os Paiterey já realizavam há muitos anos antes mesmo do contato com a sociedade não indígena.

[11] O Grande criador

INTRODUÇÃO

O contato da sociedade não indígena trouxe aos Paiter Surui a obrigação de buscar novos caminhos como meio de sobreviver ao processo desenvolvimentista promovido pelo Governo Federal. Para fortalecer a luta pós contato, a FUNAI foi obrigada a acompanhar o povo Paiter Surui e as suas lideranças no processo de adaptação à nova realidade imposta pela colonização.

Uma das ferramentas estratégicas e importantes a ser seguido pelo povo Paiter Surui para garantir a autonomia e direitos do seu povo diante desta nova realidade foi de aprender a ler, escrever. Os Paiterey tinham a obrigação, pois era preciso dialogar com o Estado e suas representações para criação de políticas indigenista que atendesse de imediato as demandas indígenas, principalmente nas questões que se diz, a demarcação do seu território para garantia da cultura Paiter valorizado e preservado, conforme diz a Constituição Brasileira de 1988.

Assim sempre acreditamos que a educação é uma das ferramentas muito relevantes na vida do ser humano. Principalmente para aquelas pessoas que acredita e buscam nela a oportunidade de se capacitar e se qualificar para ser alguém na vida, conquista de espaço dentro da sociedade e também buscar independência próprias para o bem viver coletivo.

A dissertação traz reflexões de preocupações a partir dos Paiterey sobre o futuro do seu povo e do seu território, nesse sentido acreditamos que a reflexão coletiva é imprescindível no processo de luta pela defesa do território, da cultura na busca pela garantia de melhor qualidade de vida para as futuras gerações, também facilita para que os indígenas entendam de fato os aspectos culturais, ambientais, geográficos, históricos e políticos do território que ocupam.

Para melhor entendimento e compreensão sobre o tema, gestão coletiva do território, especificamente mais sobre o povo Paiter Surui foi necessário matricular em algumas disciplinas de geografia que contemple essas questões para facilitar o processo de construção da minha dissertação.

As principais disciplinas que me matriculei para ampliar meus conhecimentos foram:

Epistemologia da Geografia – A disciplina trouxe um olhar conciso e objetivo sobre os principais pontos marcados na história do pensamento

geográfico, nos quais apontam suas relações com o desenvolvimento científico e político em suas respectivas épocas. Assim como o curso trouxe as ideias científicas baseadas na epistemológicas do conhecimento geográfico, como: Teoria e Método e principais abordagens conceituais e categorias geográficas. O espaço geográfico como uma categoria filosófica. O positivismo e a geografia; O historicismo e a geografia. Tendências atuais do pensamento geográfico. Contribuições metodológicas das abordagens: fenomenológicas, estruturalistas e marxistas na Geografia.

Populações Amazônicas e Sustentabilidade – A disciplina nos propiciou o debate sobre as questões das populações tradicionais e suas práticas territoriais, modo de vida, cultura, concepções de mundo na perspectiva geográfica de conhecer as mudanças e permanências na territorialidades e sustentabilidades. A disciplina me trouxe uma visão das questões sobre as contextos históricos geográficos e dos modos de vidas das populações tradicionais, (ribeirinhos, extrativistas e indígenas) em suas relações de territorialidades e sustentabilidades, como também de realizar um paralelo reverso com os fenômenos culturais, antropológicos e geográficos atuais e os diferentes conceitos elaborados pelos pensadores da temática, também foram importantes prover referências conceituais, teóricas e bibliográficas para a realização de estudos mais aprofundados sobre o assunto.

Métodos e Técnicas da pesquisa em Geografia – Nesta disciplina tive a oportunidade de aprender que toda a pesquisa deve passar por uma fase preparatória de planejamento e objetivava estabelecer certas diretrizes de ação e fixar-se uma estratégia global. A realização deste trabalho prévio é imprescindível. Também aprendi que a ciência e um processo de investigação que procura atingir conhecimentos sistematizados e seguros. Para alcançar este objetivo é necessário que se planeje o processo de investigação, isto é, traçar o curso de ação a ser seguido no processo da investigação científica.

Ecologia Humana – A disciplina ecologia humana “visa integrar o conhecimento sobre a diversidade de comportamentos das populações humanas com os sistemas dentro do qual tais populações se encontram” e assim me fez entender objetivos e metodologias mais específicos e que incluem entendimento e comportamento humano sob variáveis ambientais. Essa ciência nova contribui fortemente com as bases teóricas do desenvolvimento sustentável e aponta

limites e perspectivas que o homem precisa ter no seu processo evolutivo no planeta Terra.

As quatros disciplinas acima citadas que cursei foram relevantes para o meu trabalho e para minha pesquisa. Pois era necessário buscar esse entendimento a partir de cada autores, pensadores e pesquisadores, e a examinar os conceitos geográficos, tais como – lugar, paisagem, território, territorialidade e espaço – sob a influência da dimensão cultural.

O que nos levou a refletir sobre o povo Paiter Surui neste ato representados pelas aldeias Paiter, e Aldeia Atamuia que ficam na linha 9 e Aldeia Central localizada na Linha 10 sobre a importância do território e das ferramentas metodológicas para melhor fazer a gestão do seu território, diante de tanta pressão que cerca o território e o povo.

Assim, pensamos em trabalhar com o território e a cultura, e o mapeamento cultural da Terra Indígena Sete de Setembro. Para conhecer melhor a história do povo Paiter, foi necessário voltar a linha do tempo antes e pós contato com a sociedade ocidental.

Ao falarmos sobre o território indígena devemos pensar que antes eles tinham um território dominado somente por eles, ou seja, eram livres para viver seus valores ancestrais da maneira que bem entendessem, com a chegada dos portugueses queremos ou não, isso se perdeu um pouco. Isso porque os portugueses queriam dominar e impor seus costumes sobre uma terra já habitada, isso é uma das maiores consequências do contato para o povo indígena.

Sabemos que hoje vivemos em uma sociedade em que a realidade é totalmente diferente daquela que vivíamos antes do contato com a sociedade envolvente; a pressão da cultura desenvolvimentista, é cada vez mais agressiva e avança de qualquer jeito, de modo que coloca a vida daqueles que dependem da floresta para viver e situações de risco.

No caso dos Paiter Surui de Rondônia a situação não é diferente, desde que tivemos o primeiro contato com a sociedade não indígena o seu território, a sua cultura sempre foram alvos de fazendeiros, madeireiros, caçadores e pescadores (CARDOZO, 2013). Com o passar do tempo tudo se agravou cada vez mais o que preocupa o povo Paiter Suruí em sua buscar de encontrar caminhos e alternativas de proteção do seu território e da sua cultura.

Para piorar as duras consequências do contato, veio o conhecimento do solih beh terid[12], que fez com que muitos Paiter se interessassem pelas coisas do mundo moderno ou das cidades, como roupa, remédios, comidas, carro e para suprir essa necessidade passaram a trabalhar na agricultura, extrativismo o que na maioria das vezes não tem correspondida as suas expectativas que procuram outros meios mais fácil de ganharem dinheiros. Assim, se deixam aliciar e deixam os invasores entrarem no território indígena Paiter para fazerem exploração ilegal de madeira, garimpo, arrendamento a troco de qualquer coisa ou pequenas quantias em dinheiro, e assim facilitam a entrada e saída clandestina dos madeireiros, ruralistas, caçadores e pescadores no território indígena Sete de Setembro.

Vivenciamos esta dura realidade o povo Paiter Surui teve a ideia de buscar meios e alternativas que orienta e esclareçam os Paiter a cuidar do seu território e qual a importância do mesmo para as futuras gerações, de modo a conscientizá-los a explorar sustentavelmente, e assim garantir a melhoria de qualidade vida do seu povo.

Sabemos que todos os povos indígenas, independente do povo e do lugar e região onde vivem os modos de vidas estão diretamente relacionados com a mãe natureza. Essa relação depois do contato com a sociedade envolvente não tem sido a mesma, pois essa diferente cultura modificou muito a maneira de pensar e compreender o mundo, principalmente da interação harmoniosa com a mãe natureza e seus habitats.

Muitos povos indígenas têm sofrido as consequências do contato e dos graves choques culturais trazidos pela colonização. Preocupados com a situações vividas, precisou –se buscar novos meios e alternativas de valorização e resgate da cultura tradicional.

Entendemos que quando uma comunidade conhece o território onde vive, não existe pessoa melhor do que ele próprio para adquirir as condições necessárias para estabelecer normas, manejar sistemas produtivos, buscar metodologias de proteção e melhorar a qualidade de vida.

Preocupado com o futuro e da situação em que vive a Terra Indígena Sete de Setembro, que vive hoje a exploração ilegal de madeiras, garimpos, entradas

[12] Dinheiro (mundo capitalista)

clandestinas de invasores, caçadores, pescadores, arrendamentos de pastos e que muitas das vezes a convite de alguns indígenas aliciados por qualquer custo, afetam diretamente o futuro do Povo Paiter Surui e deixam em risco os seus recursos naturais e culturais que são fatores fundamentais no processo de vida das futuras gerações.

Para fortalecer essa luta procuramos buscar realmente a partir da visão dos próprios indígenas qual o significado de um território, da cultura para povo indígena que tem como base de informações o plano de Gestão da Terra Indígena Sete de Setembro, como é o caso odo povo Paiter.

De acordo com Little (2006) a gestão territorial tem a dimensão política do controle territorial das Terras Indígenas com a dimensão ambiental voltada para sua sustentabilidade, e é entendida como: “o controle político e o manejo ambiental do espaço geográfico que é o território de um grupo social ou entidade política”.

Para Alfredo Wagner (2004), a territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força, laços solidários e de ajuda mútua e constituem um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante, disposições sucessórias porventura existentes.

Em conformidade com Cardozo (2010) a Terra Indígena Sete de Setembro é “o espaço onde os Paiter conservam seus valores, suas crenças, seus costumes, onde se desenvolvem os processos históricos e as relações sociais”.

Almeida Silva (2010) traz a reflexão sobre a representação das questões históricas vividas pelos povos indígenas e como isto se dar no tempo e no espaço.

Ao refletir sobre como esses autores analisam o território, apresento a estrutura a dissertação em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz um breve relato das escolhas do referencial teórico e da metodologia escolhida para sua elaboração.

O capítulo seguinte traz os relatos sobre o povo Paiter Surui, a sua origem, como e onde vivem, e sua história de luta antes e após o contato. O terceiro capítulo é apresentado as festas e rituais tradicionais para o fortalecimento da vida social e cultural dos Paiterey.

No quarto capitulo falamos sobre a importância de valorizar e preservar o território Paiter, a ferramentas utilizadas na gestão e como estas contribuir para a sustentabilidade e o uso coletivo.

No quinto capitulo trazemos as imagem e fotografias do povo Paiter para detalhar mais sobre a sua vida e o modo de compreender o universo e nossas pesquisas e visitas às aldeias para refletir junto às comunidades o que pensam sobre o seu povo, seu território e sua cultura em pleno século XXI ainda mais integrados a sociedade brasileira.

Deste modo, a dissertação por mim elaborada penso que seja um importante instrumento para refletir sobre o que somos, enquanto povo indígena e como cidadãos que procuram acima de tudo ser respeitado em seus direitos, mas que queremos um mundo melhor com oportunidade para todos, visto ser habitantes de um mesmo Planeta, o qual passa por grandes transformações. Se um cidadão sofre com problemas ambientais, sociais e políticas, de alguma maneira atinge aos demais.

Ieteh Iter e Obrigado!!!!

CAPÍTULO I: DIÁLOGOS ENTRE SABERES E MUNDOS

A apropriação do conhecimento de um povo com conhecimento de outro, sempre é importante para estabelecer o processo de diálogos entre esses. A junção de dois conhecimentos é muito importante para o fortalecimento de uma luta, principalmente ao se tratar da valorização e o reconhecimento da sabedoria ancestral de um povo. Com certeza e um caminho que possibilita uma oportunidade, para que os ambos conhecimentos passem a ser valorizada, reconhecida e respeitado pela ciência cientifica.

Neste sentido, entendemos que o domínio dos instrumentos teóricos e metodológicos no campo da ciência humanas podem ser extraordinárias ferramentas de estudos das relações interétnicas, relevante para todos. Mas muito mais significativo para os povos indígenas – que a exemplo de outros segmentos sociais são considerados e tratados como marginais, “teimam” em resistir às fronteiras dos processos de globalização econômica, ideológica e cultural.

Neste capítulo estudaremos a percepção e concepção da Geografia Cultural, uma nova Geografia que atua sobre os conceitos de cultura (material e imaterial), sua relação com o território, construção de identidades.

Para melhor compreensão do tema através da Geografia Cultural e entender como isso poderá ser incluído e aplicado na concepção e visão do povo indígena e em especial aqui retratado pelo Paiter, a qual escolhemos para realização da pesquisa. Entendemos que é importante e pode contribuir muito com o povo Paiter na compreensão do uso exclusivo do seu território de maneira mais sustentável e assim garantir melhor qualidade de vida por muito tempo. Ao analisar a cultura entendemos o que diz CLAVAL, (2001, p. 61), que:

> A cultura é uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela molda os indivíduos e define os contextos da vida social, que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e dominar o espaço. Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território em que se desenvolvem os grupos. As entidades coletivas que daí resultam limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço.

Concordamos com o autor, por entendermos que a cultura é dinâmica. Ela é compreendida como a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas,

dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte (CLAVAL, 2007).

O universo da Geografia Cultural nos propiciou uma abordagem aos sentimentos, representações, significações, valores culturais e experiências vividas do ser humano e seu lugar. Assim, essa vertente epistemológica nos possibilita uma leitura da sociedade indígena que devido ao impacto da sociedade envolvente e as transformações originadas deste, assume novos contornos sociais e espaciais fundamentado na cultura do coletivo.

Diante dessa abertura foi possível desenvolver um trabalho fundamentado não apenas nos enunciados de Paul Claval, que concebe o espaço como uma construção cultural, como uma herança da comunicação, dos conhecimentos e dos valores acumulados e passados entre os seres humanos, o que transforma o espaço cultural em simbólico. Mas também nas ideias de Almeida Silva (2010) que nos ajudam a perceber a representação de mundo dos coletivos indígenas por meio da percepção do espaço de ação.

Através das representações sociais imateriais como, mitos, ritos e aspectos cosmogônicos, e materiais como pinturas corporais, a utilização de arcos e flechas, podemos compreender as manifestações do coletivo indígena Paiter.

Deste modo, os coletivos indígenas podem ser estudados e analisados a partir desse viés da Geografia Cultural, as sociedades são diferentes umas das outras, essa diferenciação é de ordem cultural.

Os estudos sobre cultura na contemporaneidade perpassam vários autores, mas talvez um dos mais expressivos tenha sido Stuart Hall (1932). De linguagem acessível e extremamente didática, o jamaicano que viveu na Inglaterra a partir de 1951, ajuda-nos a entender o mundo à nossa volta ao falar daquilo que nos parece mais básico e que nos une ao outro: a representação. Além disso, o autor desenvolve uma análise política da cultura a partir da noção de representação, de “significados compartilhados”, em que são conceituados e relacionados os conceitos de cultura, significado, semiótica, signos, discurso, linguagem, dentre outros.

Neste sentido, “A linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (HALL, 2016, p.18). E de modo complementar, a cultura é colocada como o local de

criação e troca de significados dentro de um grupo ou sociedade, além de estar relacionada a sentimentos, conceitos, ideias e o senso de pertencimento.

Assim, Hall nos permite perceber que o sentido das coisas é o que nos permite ter noção de nossa própria identidade, e que este sentido é continuamente reelaborado de acordo com o período em que vivemos, as experiências que temos e pela interação social. É a elaboração destes sentidos que irão regular nossas práticas e condutas na sociedade a qual pertencemos. O conceito é ampliado, no nosso entender, por Geertz (1978, p.15) ao afirmar que:

> O conceito de cultura que eu defendo […] é essencialmente semiótico. […] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Para este autor, as teias e sua análise é a cultura que interliga os homens entre si, e irão proporcionar as vivências comuns e a socialização. Isso leva a ciência a realizar interpretações a respeito das atitudes humanas, afinal tenta compreender a experiências e vivencias sensíveis dos seres humanos. Assim, a cultura é vista como uma rede de signos e significados que os seres humanos tecem e a qual se amarram coletivamente, ou seja, construções simbólicas.

Ao se referir às teias, o pensamento de Geertz, defendia que a linguagem, o mito, a arte e a religião eram as amarras que dão suporte a rede simbólica no qual os seres humanos vivem. Esses símbolos seriam partes integrantes do universo, que proporciona formação e socialização dos coletivos humanos, e que estas teias são dotadas de especificidades em cada coletividade o que acaba por conferir sua peculiaridade.

Em Almeida Silva, (2010), as formas simbólicas constituem-se como Fenomenologia, e inserem-se como proposta metodológica para compreender a ação humana no espaço, em que essa se apresenta como desencadeadora de abordagens que dão sustentação epistêmica para o desenvolvimento de trabalhos da Nova Geografia Cultural, visto que considera as vivências sensíveis do ser humano.

A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança: eles regem aquilo que lhes e proposto ou que se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam, ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer, atribuem cores novas aos seus sonhos e

aos seus pesadelos, e criticam os valores usuais se estes não correspondem as suas aspirações profundas.

Para Cardozo (2013, p.35) “a modificação do espaço, imposta pelo desenvolvimento pensado pelo Governo para a região, trouxeram novas estratégias de resistências para manter o território”, o certamente causou modificações culturais e contribuiu para que se criassem novos valores e forma de gestão pelos Paiter Surui.

A Fenomenologia presente nesta dissertação concentra-se também nas atividades de campos que foram realizados na Terra Indígena Sete Setembro (autodenominado de) Paiterey Karah, com recorte geográfico prioritário entre as Aldeias Paiter - Linha 09, Aldeia Atamuia Linha 09 e Aldeia Central – Linha 10, todos localizadas dentro do território indígena Paiter, próximo à sede municipal de Cacoal em Rondônia.

Por se tratar de uma pesquisa conduzida por pesquisador indígena, não há um recorte temporal, e sim registros e narrativas memoriais e imemoriais, as quais remetem aos nossos antepassados, daí a importância de se estudar e compreender a cultura e os mapas culturas que auxiliam nas representações do povo Paiterey.

A metodologia se baseia na Fenomenologia e os procedimentos metodológicos consistente na Pesquisa Participante, de modo que além da vivência nas aldeias, roçados e florestas, o uso de tecnologias como entrevistas em vídeos, registros fotográficos, caderno de campo, rodas de conversas no meah (barracão) para o registro de narrativas míticas e histórias do povo, nas manifestações no Centro Cultural Indígena “*Paiter Wagôh Pakob*”[13].

Assim, as entrevistas e rodas de conversas foram fundamentais e ao mesmo tempo emocionantes, pelo fato de ser um pesquisador indígena do mesmo povo a fazer pela primeira vez uma pesquisa dentro do seu próprio território e ainda mais acompanhado do meu orientador, o Professor Dr. Adnilson de Almeida Silva.

Como as três aldeias escolhidas são afastadas umas das outras, por isso antes de fazer as visitas tivemos que agendar com os representantes das aldeias a serem visitadas. E o que mais facilitou no momento foi o acesso de internet

[13] Significa Força da Floresta, inaugurado no dia 22 de novembro de 2016 na Aldeia Paiter.

entre as aldeias Paiterey. Por isso conversamos e combinamos com os responsáveis ou caciques para marcar as datas e os horários das visitas.

Inicialmente o meu orientador, o professor Dr. Adnilson de Almeida Silva tinha sugerido que queria acompanhar a minha pesquisa de campo na aldeia, como era também o meu desejo, aceitei na hora. Assim marcamos a minha pesquisa de campo para agosto de 2017 na Terra Indígena Sete de Setembro,

Assim comecei a minha pesquisa de campo na Aldeia Paiter. As pessoas que nós conduzimos nas conversas na Aldeia Paiter foram: Manganogan Surui (anciã da aldeia e minha mãe), Ubajara Surui (ancião da Aldeia), Raimundo Nahegah Surui (ancião) e o jovem Rui Gãtoten Surui (vice - cacique da aldeia e aprendiz dos anciões sobre conhecimento da cultura Paiter).

A segunda aldeia que visitamos foi a Aldeia Central, localizado a cinco quilômetros da aldeia Paiter linha 09. A pessoa que nos recebeu foi o fundador da aldeia, cacique e ancião Ipatara Surui do grupo do clã Kaban, sua esposa Iwekar Surui (anciã) do clã Makor juntamente com seus filhos e netos.

A terceira visitada foi a Aldeia Atamuia, localizado a um quilômetro da Aldeia Paiter, e fomos recebidos por seu fundador, ancião e cacique Atamuia Surui que é do Clã Gãmeb, juntamente com sua esposa Sodir Surui, do Clã Kaban e seus filhos, foi um momento único e prazeroso onde tivemos a oportunidade de ouvir dos anciões, anciãs, e dos jovens, a luta do povo Paiter Surui antes e depois do contato principalmente da sua origem e do processo de adaptação ao mundo moderno nos dias atuais.

Primeiramente antes das visitas as aldeias, foi-se necessário organizar e planejar um roteiro de perguntas para facilitar na hora das entrevistas e nas rodas de conversas.

A construção metodológica da pesquisa concentra-se em entrevistas – principalmente com os anciões ou sabedores da cultura - e aplicação de questionários com os moradores das aldeias, para analisar, a partir da percepção do Paiterey a maneira viável de fazer a gestão território proposto pela Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI[14]) que apresenta o Etnomapeamento como um dos instrumentos para alcançar a gestão.

[14] Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas firmado pelo Decreto nº 7.747, de 5 de julho de 2012 – e apresenta exemplos de iniciativas e experiências desenvolvidas em conjunto por povos indígenas, o Estado brasileiro e instituições e organizações parceiras.

E o que fazer para que ela seja reconhecida e respeitada pelo povo indígena e não indígena, principalmente perante ao governo brasileiro.

Para realização das entrevistas nas aldeias visitadas para alcançar os dados da pesquisa foram se necessários o uso de equipamento como: gravador de voz e áudio, câmera de vídeo, caderno, lápis, canetas. Nestas idas em três aldeias entrevistamos várias pessoas: com os anciões, anciãs, jovens, homens, mulheres e lideranças das aldeias foram traduzidas de Tupi Mondé para português no notebook.

Nesta pesquisa, os sabedores são as pessoas que tem o conhecimento muito profundo sobre a cultura e da luta do povo Paiter Surui muito antes do contato e pós o contato, principalmente da luta para demarcação e manutenção do território e da cultura.

Todas as pessoas sabedoras do conhecimento tradicional e conhecedores da luta do povo Paiter antes e após o contato com a sociedade ocidental que entrevistamos e conversamos foram transparentes nas suas falas e isso facilitou e contribuiu muito para a elaboração dos trabalhos.

A pesquisa visou também para que os Paiterey pudessem compreender a relação do conhecimento tradicional com a ciência científica e sua contribuição para a gestão territorial. Nesse sentido, sua abordagem representa a junção desses a partir de suas percepções, tanto individualmente como coletivamente em suas variadas formas de representações.

No alcance dos objetivos de investigação propostos na pesquisa utilizamos das modalidades de pesquisa bibliográfica, documental e também da observação/participação dos entrevistados. Os instrumentos e técnicas utilizadas foram: trabalho de campo, registros fotográficos e em vídeo, realização de entrevistas semiestruturadas. O registro em vídeo passou por tratamento e será disponibilizado na rede mundial de computadores para que possa ser acessível para outras pessoas que tenham interesse em trabalhar o tema relacionado ao povo Paiter Surui e a Terra Indígena Sete de Setembro.

Essas abordagens metodológicas propiciaram conhecer os Paiterey em suas narrativas de origem, do contato oficial, da organização social e política, de como se distribuem territorialmente e de como lidam com os fatores internos e externos à Terra Indígena Paiterey Karah.

Assim ao apresentar o modo de vida dos Paiterey, o que eles pensam sobre si, a Terra e de todos que nela habitam, acreditamos dar grande contribuição para a humanidade, ao tempo que ajuda na visibilidade da causa dos povos originários, os quais possuem outros conhecimentos que são relevantes para o destino de nosso Planeta.

CAPÍTULO II - QUEM SÃO OS PAITEREY - HISTÓRIA E TERRITÓRIO

Ao registrarmos sobre um povo ou um grupo é necessário procurarmos entender a sua origem e o seu modo de vida, principalmente a sua relação com o espaço onde vive. Desta forma e possível transcrever uma informação mais real, fortalecido e acima de tudo transparente.

Ainda mais um povo que tem muitas histórias de vidas, de lutas por muitos anos, que se tem resultado positivos e negativos que marcaram a vida do coletivo, como é o caso dos Paiter Surui, um povo indígena que através das suas forças ancoradas na ancestralidade e espiritualidade sempre lutaram para garantir um futuro melhor e qualidade de vida das futuras gerações.

> *Buscamos estabelecer uma relação harmoniosa e saudável com todas as pessoas que nos cercam e nos preocupamos com o futuro, não só do nosso povo, mas de toda a humanidade. Estamos cientes de que a humanidade toda vive um momento muito grave, pela doença instalada no planeta em que vivemos. As consequências da forma irresponsável com que a humanidade tratou de explorar os recursos naturais da Terra estão causando e vão causar grandes danos para todos. Entendemos que todos precisamos agir e contribuir para um futuro possível, se quisermos que a vida continue existindo na superfície do nosso planeta. Para isto conclamamos a todos, autoridades, empresários, líderes globais, ONGs de todo mundo e pessoas comuns, a nos unirmos e refletirmos urgentemente sobre os problemas já instalados e os que estão por vir, e buscarmos um novo modelo de sociedade e de desenvolvimento, que privilegie a vida em todas as suas formas. É necessária a contribuição de todos. Os esforços das comunidades nacional e internacional necessitam verdadeiramente se unificar e agir mais rapidamente, pois a natureza não irá esperar as decisões humanas. Os conhecimentos científicos, as ações políticas, o compromisso dos poderes judiciários, a correta aplicação dos recursos públicos e corporativos e a atitude individual de cada pessoa, necessitam ser colocados a favor da vida e por isto conclamamos todos a uma reflexão conjunta, na esperança de que dias futuros ainda sejam possíveis para todos nós.* (Almir Narayamoga Surui, líder do povo Paiter Suruí, 2010).

A narrativa do líder Almir Narayamoga Surui remete aos valores vivenciados em tempos pretéritos, pois há referências sobre claras do trato com a natureza, bem como apresenta problemas sofridos pelos Paiterey no presente e preocupações com o futuro não apenas da Terra Indígena, mas de todo o Planeta Terra, uma vez que se trata da permanência da vida.

Mediante a isso, apresentamos como os Paiter Surui construíram e constroem sua história, sua geografia, seus valores culturais e espirituais, os quais são marcados por intensas experiências e lutas.

2.1 A HISTORIA DE ORIGEM DO POVO INDIGENA PAITER SURUI

A palavra Paiter em Tupi Mondé significa “Gente de Verdade” ou “Nós Mesmo”. Os primeiros seres foram criados pelo Palob, mas depois foram devorados pelas onças e acabou extinto. Depois o Palob nos criou com os ossos das pessoas que foram comidos pelos mekoey[15].

Esse novo povo deu origem aos três clãs: Gapgir, Gãmeb e Makor. Somente muitos anos depois surgiu o clã Kaban, resultado de um casamento do Gãmeb com uma mulher indígena Cinta Larga.

Palob viu que tudo estava silêncio e vazio, e pensou, preciso fazer alguma coisa para que o universo tenha sentido. O único jeito que ele pensou foi de criar outros seres para que habitem o Planeta.

Para criar seres precisava de ossos humanos e o único lugar que tinha era na aldeia das onças. Pois elas tinham comido as espécies humanas que habitava antes de nós e guardavam suas ossadas.

Ir até a aldeia das onças buscar ossada era preciso auxilio de alguém hábil, veloz e esperto e que precisava agir estratégica e inteligentemente. Pensou em todos os tipos de animais, quem deles poderia fazer esse serviço para ele. Nessa hora lembrou do Patxaub[16], e o convidou para visitá-la na sua aldeia.

O Patxaub aceitou o convite do Palob e foi até onde estava. Na entrada da aldeia começou a tocar sua flauta até chegar na entrada da maloca. Ao chegar lá o convidou para ele entrar. Começaram a se conversar e propôs se aceitava o pedido para ir até aldeia das onças para pegar ossadas humana para criar outras gerações de ser humano. Patxaub pensou por alguns segundos e só depois aceitou o desafio.

---

[15] Mekôey – Plural de Mekôh – Onça

[16] Patxaub - veado mateiro em Tupi Mondé, que buscou os ossos para o Palob (o grande criador) criar a humanidade.

Após ele aceitar o desafio, Palob começou a orientar e montar estratégias antes de dar o pontapé inicial no serviço, mas sempre com pensamento positivo de dar certo mesmo. Foram alguns dias de preparo, como: passar ervas amargas e medicinas tradicionais no corpo para desqualificar a sua carne, de modo que dificultou para que as onças não o devorasse.

Totalmente concentrado e preparado conforme a orientação do Palob, lá se foi o Patxaub para a aldeia das onças. Chegou lá numa boa e foi bem recepcionado pelas onças. Levaram ele para o centro de uma maloca muito grande já com ideia de dificultar sua fuga. Fizeram muitas perguntas sobre a visita surpresa, se podia comer carne dele. Patxaub com toda tranquilidade respondia. Depois de várias tentativas de atacar para comê-lo, viram que a sua carne realmente não prestava para comer deixaram-no quieto, deitado na rede.

Inesperadamente, saiu da rede, correu na direção dos ossos, arrebentou e pegou uns punhados, correu para fora da maloca e sumiu na floresta. As onças tentaram correr atrás dele e não conseguiram de tanta velocidade que ele tinha. Começaram a chorar, xingaram ele e o amaldiçoaram.

Os ossos que tinha na aldeia das onças eram de vários povos: Gãmeb, Gapgir, Makor e os Yarah ey (não indígenas). Tinha também de outros povos e clãs que foram extintos. Como por exemplo: os Kalerey (borboleta) e Kasarey (arara), estes praticamente não existem mais hoje.

O veado Patxaub trouxe os ossos e entregou ao Palob, que logo em seguida começou a tragar o tabaco e soprou fumaça no osso. Assim surgia um ser humano de cada vez.

Palob fez um pouco de cada povo ou clã, junto com isso surgiu também o Paiterey que até hoje existem. Apesar de muitas dificuldades e desafios, como: doenças, guerras e conflitos com outros povos que foram dizimando aos poucos a sua numerosa população.

Conforme a oralidade Paiter Surui, ser gente de verdade é carregar consigo o dom de respeitar e amar tudo aquilo que lhe pertence ou tem vida semelhante ao seu e dado por Palob. Na cultura Paiter Surui tudo que o Palob criou é sagrado e precisamos cuidar e preservar. Dizem que se não respeitarmos vem os espíritos da floresta e nos castigam e maltratam e não seremos vistos como bons Paiter ou gente verdade. (Fig. 1)

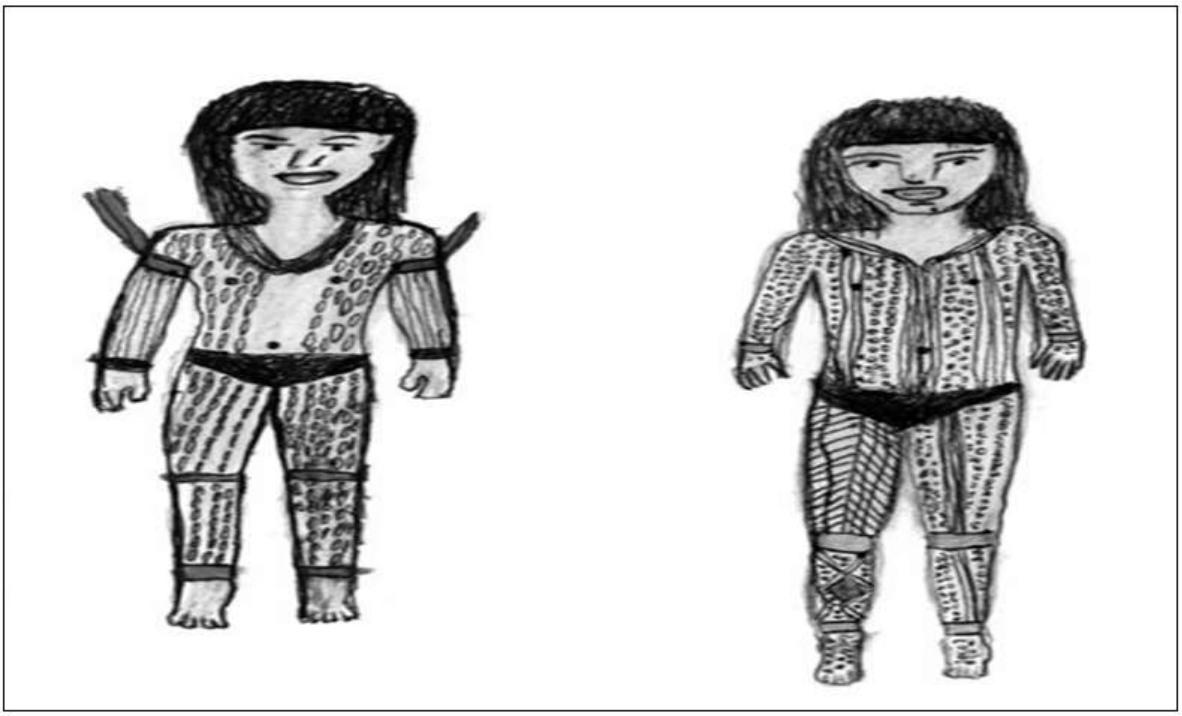


Figura 1- Caricatura de homem e mulher Paiter. Arquivo pessoal de Ângela Pappiani, 2016

Para os Paiter quanto mais a pessoa praticar e desejar coisas boas para seu próximo, quanto a natureza, animais, rios e peixes ela e abençoada automaticamente pelo seu merecimento. Mas nem todos conseguem ter esse dom de andar no caminho de solidariedade e amor pelo próximo.

Muitas coisas que praticamos não convém o Palob como, por exemplo: destruir floresta, maltrato aos animais, discriminar, ter preconceito, vingar das pessoas. O mais grave de tudo isso é tirar a vida do seu próximo, se alguém comete esse tipo de infração na cultura Paiter não é considerado e nem visto como ser humano. Ser Paiter é sagrado, fomos criados pelo Palob com intuito de cumprir alguma missão aqui na terra. Temos que ser gente de verdade mesmo conforme diz a nossa autodenominação.

2. 2 – CONTATO DOS PAITER COM OS YARAH-EY (POVO NÃO INDIGENA).

O primeiro contato pacífico dos Paiter com a sociedade não indígena se deu por meio dos sertanistas Apoena e seu pai Francisco Meirelles que chefiava a Frente de Atração da Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Aconteceu no dia 07 de setembro de 1969 onde hoje fica a Aldeia Nabekod-Abalakiwah (onde os

facões foram pendurados), também conhecido como Aldeia Linha 12 (CARDOZO, 2013). Paiter recebe faca da mão do sertanista Francisco Meirelles, como mostra a Figura 2. Mas para os Paiterey o contato não significou um simples encontro com troca de presentes. Mais do que isso consigo trouxe muito problema e desafios para a vida Paiter.

Figura 2. Primeiro contato com a FUNAI. Foto: Jesco von Puttkamer,1969.

O contato com a sociedade foi um momento muito difícil e triste, pois reduziu os Paiter a 5% de sua população, que era 5.000 pessoas para 250, de modo que o contato causou um verdadeiro genocídio e com a inserção da cultura de outros povos chegaram às doenças, o alcoolismo e outros males que causaram um verdadeiro etnocídio.

No decorrer de algumas décadas, a população Paiter tem experimentado um crescimento considerável, mesmo assim ainda não alcançou o mesmo contingente daquele verificado na época do contato oficial (rendição) em 1969. Transcorridos 49 anos, em 2018, a população é de aproximadamente 1500 pessoas. Um número significante para um povo que praticamente foi exterminado.

Os Paiter assim como outros povos, após o contato com os colonizadores e com seu modo de vida, passaram por um processo de aquisição de culturas envolventes, em que estas são ajustadas as já existentes, o que nos leva à

reflexão de Claval (2007, p.13) de que está é uma criação coletiva e renovada pelos homens, visto que:

> A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança, eles reagem aquilo que lhes é proposto ou que lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Cria ao longo de sua existência, novas maneiras de fazer, atribuem cores aos seus sonhos e aos seus pesadelos e criticam os valores usuais quando estes não correspondem as suas aspirações profundas.

No entanto, pensamos que além de malefícios, o contato trouxe coisas boas, por exemplo: foi reduzido o conflito com outros povos indígenas e não indígenas isolados através da ação da FUNAI. Ainda foi possível conhecer um pouco mais o mundo do não indígena, utilizar suas ferramentas – antes do contato nós usávamos a flecha para defender nosso território, hoje usamos o documento escrito, a tecnologia digital, ingresso nas escolas, universidades e outros, assim juntamos os dois mundos de conhecimentos, o do branco e os nossos valores ancestrais.

Mesmo com a drástica redução populacional pelas doenças (FIG 3) alguns guerreiros sobreviveram e foram importante para o seu povo, conseguiram expulsar os invasores, e esse foi um dos motivos para que se espalhassem e construíssem aldeias em vários pontos do território Paiter, hoje a maioria localizadas no final de estradas vicinais chamadas de linhas. Os efeitos do contato são descritos na fala de Manganogan:

> *Antes do contato com os não indígenas o modo de vida Paiter era diferente do que hoje vemos. Hoje lutamos para defender o nosso território para preservar das riquezas naturais e culturais para o nosso povo. Temo em nossas memorias e sempre contamos isso aos nossos filhos, netos as grandes lembranças que viemos de longe e nos fixamos aqui e até hoje moramos aqui. Nesse tempo, entramos em choque com outros grupos indígenas e não indígenas. Que trouxe danos graves para nossa saúde, doenças como: catapora, sarampo, gripe, malária, tuberculose e outros. Mas, hoje muita coisa mudou, para melhor. Pelo menos não temos mais conflito com outros povos e sempre buscamos dialogo com governo para garantir os nossos direitos. E era uma coisa que não tínhamos antes do contato. (*Manganogan Surui Anciã do Clã Kaban – Aldeia Paiter Linha 09, novembro de 2017).

Em sua situação análoga, o relato acima sobre o contato oficial, é retratado por Almeida Silva *et al* (2015) e inclui os telegrafistas da Comissão Rondon, isso nas primeiras décadas do século XX. Esse contato oficial da Comissão é marcado pelo alargamento das fronteiras econômicas na Amazônia, particularmente em Rondônia, e se concretizou com a abertura da atual BR-364, a qual serviu como porta de entrada para milhares de migrantes, a partir do final da década de 1970.

Esses conflitos e suas consequências foram retratados cientificamente na década de 1980 pela antropóloga Betty Mindlin que por longos anos desenvolveu atividades e deu grande contribuição para a visibilidade desse povo indígena, através de suas obras.

> A área dos Surui estava invadida por cerca de duzentas famílias de colonos e havia choques ocasionais entre eles e os índios", com essas disputas de terras entre o povo Paiter e os invasores se perderam muitas pessoas e ao mesmo tempo houve a situação da questão da mortalidade de saúde pelo ataque de doença contagiosa como: sarampo, gripe, malária e catapora, e a equipe da FUNAI tinha grande dificuldade de prestar assistência médicas ao atender os Paiter.

Figura 3. Tratamento médico durante o contato. Foto Jesco von Puttkamer, 1969.

Após o contato houve uma mudança por causa de malefícios como: doenças (gripe, malária, sarampo, catapora) e outra como alimentação não indígena, cigarro, bebidas alcoólicas que nos afetaram e até as vestimentas porque nem todos os dias trocavam as roupas, só usávamos uma só, então isso causou muitas doenças e ali perdemos muitas pessoas como: homens, mulheres, velhos e crianças.

Em 1979 os Paiterey quase não conheciam "dinheiro, a alimentação era tradicional, e faziam muitos artesanatos para uso e rituais, e haviam poucos bens industrializados" (MINDLIN, 1985, p 100).

Portanto, antes de contato com a sociedade envolvente a saúde dos Paiter era bem saudável, isso porque a alimentação era totalmente tradicional e não

tinha nenhuma mistura química na comida, tudo era natural, como: mel e também a gente tomava suco de açaí nativo e adoçava com o mel. Mas não demorou muito, depois do contato as coisas já começaram a mudar, isso sem sombra de dúvida para pior. Hoje em dia, todos consomem comidas industrializadas.

E também na caça não colocávamos sal para dar gosto, atualmente colocamos muitos temperos, aí que vem a questão prejudicial contra a nossa saúde. Isso não aconteceu só com nosso povo, mas com outras populações originárias de Rondônia e do Brasil. Portanto, todos Paiter foram obrigados a seguir o modo de vida não indígena e começaram a trabalhar nas lavouras, cafezais para sustentar a sua família. Assim deixaram de lado a sua cultura ancestral e seu modo de vida que foram suficientes para viver bem.

Antes do contato com povo não indígena nosso povo vivia numa região coberta por floresta de terra firme no meio da floresta amazônica, vivíamos bem tradicionalmente como manda a nossa cultura tradicional: em grandes malocas feitas com folhas de palmeira babaçu e palmeiras, onde residiam famílias extensas. Hoje, essas malocas foram substituídas por casas de alvenaria e de madeiras modernas.

Com a chegada do Programa Luz para Todos do Governo Federal substituímos velas de borrachas e castanhas, as quais eram usadas para clarear nossas casas antes da chegada de energia elétrica às suas aldeias. A economia também era no sistema totalmente tradicional, baseada na agricultura de corte, extrativismo e queima de espécies como milho, batata-doce, mandioca, cará, amendoim, além da caça, pesca, da coleta de mel, frutos, palmitos e amêndoas.

2.3. ORGANIZAÇÃO SOCIAL PAITER

A organização social dos Paiter Surui é baseada em clãs, que é a base do sistema de governança, organização política e do sistema de parentesco. A organização social é patrilinear e preconiza a exogamia clãnica, em que os casamentos são permitidos apenas com clã diferentes.

Para compor essa estrutura social, a isogamia clãnica é fundamental, em que o homem mantém o casamento avuncular com a filha de sua irmã, pois conforme sua concepção cosmogônica, essas não são parentes próximos, pois

pertencem a outro clã, daí o casamento com primo cruzado, assim se mantém a exogamia clânica. Os Paiter Surui são poligâmicos[17], especialmente os chefes e lideranças de aldeias, a exemplo do nosso ancião Ubajara Surui que já teve três mulheres e hoje só tem uma, devido ao falecimento de uma e outra separou dele.

> *A nossa organização social é muito importante para o meio onde vivemos. E através dela que podemos nos organizar e identificar e ver quem e quem? Diferenciar um clã um do outro. Como por exemplo: Eu sou Kaban e não posso casar com o mesmo clã. Só posso me relacionar com uma mulher Gãmeb ou um Gapgir. Da mesma forma um homem Gãmeb só se relaciona com uma mulher Kaban. Relacionar com o mesmo clã e crime e pode ser castigado pelo criador. Na nossa cultura podemos casar com mais de uma mulher. Mas hoje e difícil, principalmente na questão de manutenção da família. Já tive três mulheres, mas hoje só tenho uma. Devido uma faleceu e outra foi embora para outra aldeia. (Ubajara Surui – Ancião do Clã Kaban e morador da Aldeia Paiter, agosto de 2017).*

Os Paiter Surui se diferenciam como povo dos demais indígenas, por sua cultura peculiar, a maneira como apreende o mundo, o representa e o caracteriza de maneira própria. A sua cosmogonia, valores ancestrais passados de gerações, a suas vestimentas para os rituais, sua pintura, sua culinária, são fatores que influenciam para se firmar como um coletivo, como uma etnia.

Na ordem cosmogônica, todos os indivíduos Paiter Surui compartilham a mesma regra social, obrigações e deveres, suas comunidades são divididas em metades, em que uma representa a mata e outra a roça. Assim, organizam a agricultura, em que o parentesco é um dos mais importantes meios de organização social.

2.4. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA TRADICIONAL PAITER – SISTEMA DE GOVERNANÇA PAITER

Os Paiter sempre tiveram seu sistema de governança própria, conforme manda a sua cultura tradicional, de modo que envolve todos os seus quatros grupos clânicos que compõem a sua sociedade. Antigamente o sistema de chefia era passada de pai para filho, ou de irmão para irmão no caso de o chefe não possuir filhos do sexo masculino.

[17] Atualmente tal prática não é mais tão comum, devido à influência da cultura externa, principalmente, em função da presença de igrejas de matriz judaico-cristã que estabelece como código normativo a monogamia.

As lideranças mudam de tempos em tempos, e são passadas de pai para filho, além de poder ser transmitidas a um irmão. Hoje nos dias atuais são escolhidos como lideranças – geralmente os mais jovens por falarem melhor e compreender o idioma português - conforme o perfil da pessoa ou quem possam atuar externamente nas relações com a sociedade envolvente, porém na aldeia, a chefia continua a tradicional sempre será respeitado e valorizado.

Não existe somente cacique geral, como também tem caciques de vários clãs e aldeias que represente sua aldeia ou seu clã. Existem também chefes cerimoniais nos rituais e nos trabalhos coletivos, como: roçadas, plantios, caçada, pescaria e coleta de frutas ou mel. O mais comum é o homem chefiar o grupo de irmãos, no entanto, pode um sogro ser o chefe dos genros caso eles morem na mesma casa. Nesse sentido relatado pelo ancião e líder da aldeia Paiter Linha 09, Nahêga Surui.

> *A organização política tradicional do povo Paiter é uma coisa muito sério e importante para sua vida. Pois através dela que conseguimos reunir e nos orientar para caminharmos em busca de um futuro melhor, para que todos possa viver bem. Assim escolhemos nossos líderes que nos organize e planeja todas as atividades do dia a dia. Desta forma viver todos unidos e respeitando um aos outros. De fato, ser gente de verdade como nos autodenominamos. (Nahêga Surui – Aldeia Paiter, 04 de novembro de 2017).*

Assim, se tem que a organização política tradicional é algo que persiste no tempo e no espaço, visto que possui sua própria lógica interna. Todavia, outros modos de organizações foram incorporados para que pudessem dialogar com o não indígena em ambiente externo.

2.4.1. PARLAMENTO PAITER OU SISTEMA DE GORVERNANÇA PAITER

O Parlamento Paiter ou sistema de governança é uma organização política cultural dentro do território indígena Sete de Setembro como uma instância de articulação e decisão interna do povo (FIG 4). Foi criado no mês de novembro de 2010, como instância de debates democráticos de ideias, reflexões e deliberações, representa o povo Paiter Surui em suas decisões, reivindicações, implantação de políticas internas e na interface com as políticas públicas governamentais. Se rege por uma organização hierárquica, formada pelo PAMATOT EY (Conselho dos Anciãos- instância superior de sabedoria),

LABIWAY EY (parlamentares eleitos pela população a cada período de 05 anos) e LABIWAY ESAGA (líder Maior do Povo Paiter Surui).

A criação do Parlamento Paiter se deu a partir de um ponto de vista, em que os próprios indígenas entenderam que era preciso tomar algumas providencias para garantir os futuros dos Paiter e do seu território, pois a pressão e a ameaça do governo brasileiro sobre os direitos indígenas no Brasil estava cada vez mais se agrava. Diante desta situação não poderia ficar parado no tempo e sim buscar e criar meios e alternativas que os orientassem a fazer o uso e gestão do seu território e a valorização de sua cultura.

Figura 4. Itabira repassa o cargo de chefe maior para Almir Surui. Arquivo Metareilá, 2011.

A instituição do Parlamento Paiter Surui teve como objetivo, buscar a retomada cultural, igualdade social e desenvolvimento sustentável para que assim seja garantido qualidade de vida, sustentabilidade e organização social para o povo Paiter Surui e as suas futuras gerações. O esquema abaixo (FIG. 5) demonstra como se organiza o Parlamento com a participação de todas as aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro.

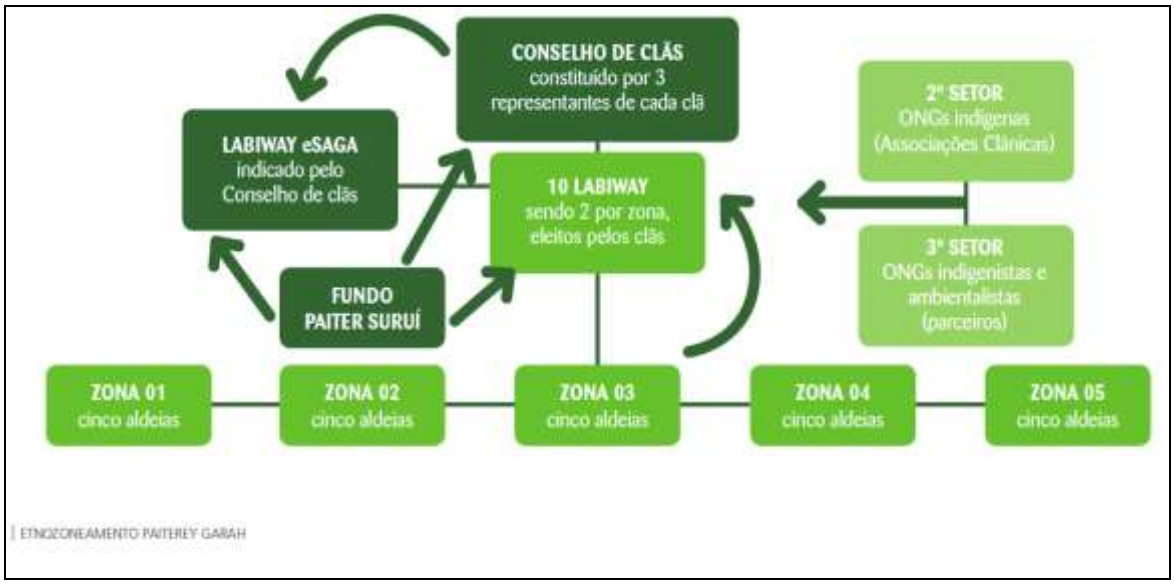


Figura 5. Esquema de representação do Parlamento Surui. Fonte: Cardozo, 2011.

Os princípios do Parlamento se fundamentam nos valores básicos que direcionam todas as ações que dizem respeito à vida da comunidade e utilização dos recursos naturais da Terra Indígena Sete de Setembro, na busca de possibilidades para um viver saudável no presente e no futuro, que seja ecologicamente correto, socialmente justo e economicamente sustentável, traduzidos em:

1. Princípio da União e Integração: expressa o consenso do Povo, busca a união nas políticas internas e externas e nas ações comunitárias que visam o bem-estar comum;
2. Princípio da proteção do Território tradicional e da gestão sustentável: expressa o respeito e compromisso com a vida humana e a biodiversidade. Busca-se a utilização racional e sustentável dos recursos naturais, com a finalidade de garantir a vida da floresta, de seus animais e da comunidade e simultaneamente contribui para a diminuição da emissão de GEEs (Gases de Emissão Efeito Estufas) para a atmosfera;
3. Princípio do fortalecimento do conhecimento tradicional: expressa o respeito pelos conhecimentos ancestrais e busca valorizar os preciosos saberes e práticas culturais tradicionais, de modo a unir o povo e contribuir para o fortalecimento da identidade étnica;
4. Princípio da ampla participação: expressa o valor da democracia pura, em que todos têm direito de se expressarem e serem considerados em suas opiniões, para o alcance do bem comum.

Com bases nestes princípios o Parlamento Paiter Surui aspira alcançar um uma vida digna, onde em seu território não existam desigualdade econômico-financeira e divisão em classes - ricos e pobres - e seja possível a todos o acesso à saúde e à educação de qualidade. Todos possuem os mesmos direitos e deveres, especialmente ao se tratar do respeito e utilização dos recursos naturais do território onde vivemos e pelo qual somos os legítimos responsáveis.

Consideramos que recebemos os impactos negativos determinados pelo contato com as frentes de colonização instaladas em nosso território ao final da década de 1960, sem que soubéssemos o que poderia advir desse encontro e sem direito à escolha do não contato, em que perdemos mais da metade de nossa população.

Com isso nosso território foi invadido e perdeu-se grande extensão de terras, inclusive áreas de reservas de recursos naturais para os interesses dos colonizadores; que esfacelaram nossos bens culturais devido às influências advindas do processo colonizatório o que nos obrigou a lidar com as configurações de economia impostas pelo modelo da sociedade capitalista, ao qual não estávamos acostumados, pois as nossas práticas econômicas eram de subsistência e baseadas em uma convivência em equilíbrio com a natureza.

A partir do contato nosso território foi invadido por madeireiros, palmiteiros, caçadores e pescadores, que além de desenvolverem atividades predatórias no interior dos limites de nossa terra, de maneira a diminuir o potencial de recursos naturais da floresta, em muitas situações, aliciaram pessoas de nosso povo para agirem em favor de seus interesses; os serviços de saúde e educação que nos são oferecidos não atendem as determinações da Constituição Brasileira e nem as necessidades e aspirações de nosso povo.

> *O parlamento Paiter e um espaço de debate e reflexões coletiva muito importante para o nosso povo. Participa do momento: homens, mulheres, jovens, caciques, representantes das aldeias, presidentes das associações clãnicas, caciques geral, chefe maior e anciões. Onde e feito a organização e o planejamento do sistema de governança do nosso território e da nossa cultura para garantir o futuro e melhoria de qualidade para as presente e futuras gerações Paiter. Ipatara Surui, clã Kaban, morador da aldeia Central Linha 10 – Entrevista 13 de setembro de 2017.*

O Parlamento Paiter por ser uma organização social e cultural, assim acreditamos ser o caminho apropriado para conseguimos resolver os conflitos atuais pelos quais passamos cotidianamente.

2.5. PAITEREY KARAH – TERRITÓRIO ONDE VIVEM OS PAITEREY

Paiterey Karah significa em Tupi Mondé (terra dos Paiterey). Mais conhecido como Terra Indígena Sete de Setembro, pelo fato do povo Paiter Surui ter o primeiro contato com os não indígenas no dia 7 de setembro de 1969. É o território onde vive o povo indígena Paiter Surui, habitado por eles desde antes do contato, pois antes era um povo nômade, ou seja, não tinham o lugar fixo e permanente.

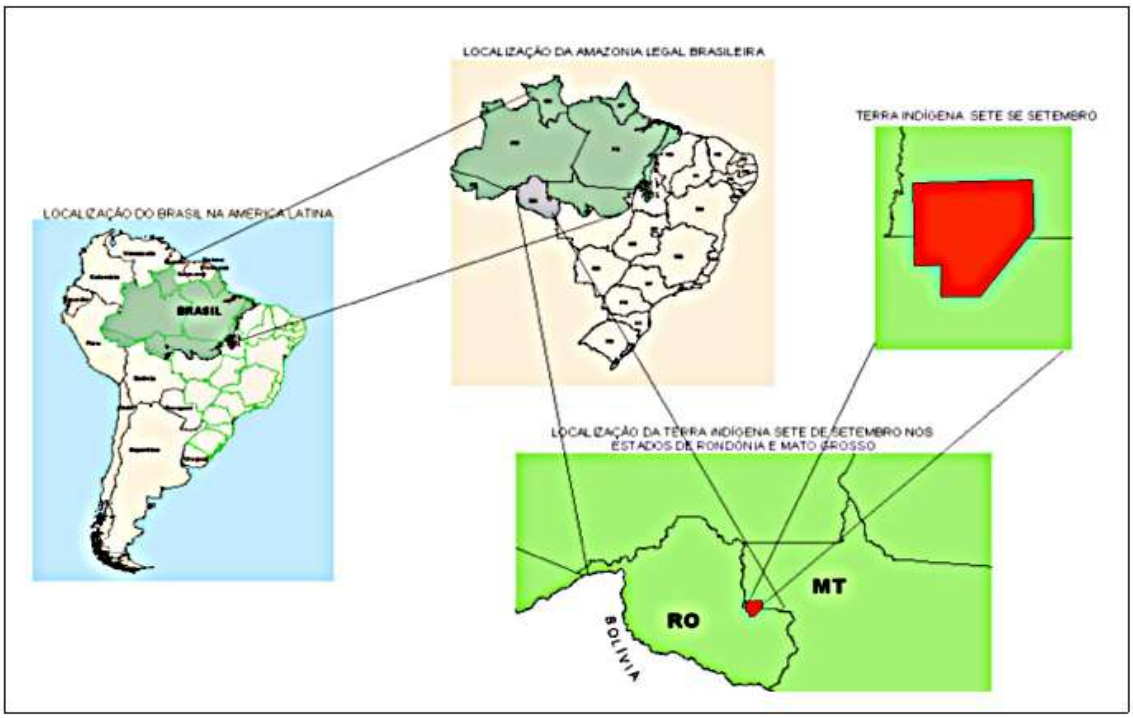


Figura 6 Terra Indígena Sete de Setembro. Fonte: ECAM, 2013.

Está localizada em uma região entre estados: ao norte do município de Cacoal em Rondônia até o município de Rondolândia no Mato Grosso (FIG 6). Com uma área de 248 mil hectares de floresta na qual estão localizadas várias aldeias Paiterey, chega-se ao território a partir de Cacoal através das linhas 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12,14, 15 e linha Pacarana, pelo fato das aldeias - que ao todo são 27 – estarem distribuídas ao longo dos seus limites, tanto por questões de segurança quanto de aproveitamento de antigas sedes de fazendas deixadas por invasores que se estabeleceram dentro da área nas décadas de 1970 e 1980 (CARDOZO, 2013).

Apesar do contato, em 1969, o território só foi reconhecido na década de 1980 depois de muita luta com os colonos que invadiram suas terras que ali

formaram pastos e cafezais, em virtude do incentivo do Governo Federal, com sua política de ocupação a Amazônia. Esta política foi responsável pela atração para a região de milhares de imigrantes, os quais invadiram terras indígenas, de modo a causar vários conflitos com mortes de ambos os lados.

Com a construção da BR 364, que liga a porção sul amazônica ao restante do país, ocorreram invasões grandes a esses territórios indígenas, e colocou em perigo a sobrevivência desses povos. O território de ocupação tradicional dos Paiterey, por exemplo, foi cortado por essa rodovia e como consequência uma imensa área de terras foi subtraída e passou a ser de ocupação de colonos provenientes de diversas regiões do país, especialmente do sul e sudeste.

Várias dessas porções que foram perdidas para os colonos incluíam áreas de caça, de pesca, de extração da flora - bambuzais, tucumanzais, babaçuais, dentre outras, as quais eram utilizadas na construção de casas, artefatos (arco, flecha e artesanatos).

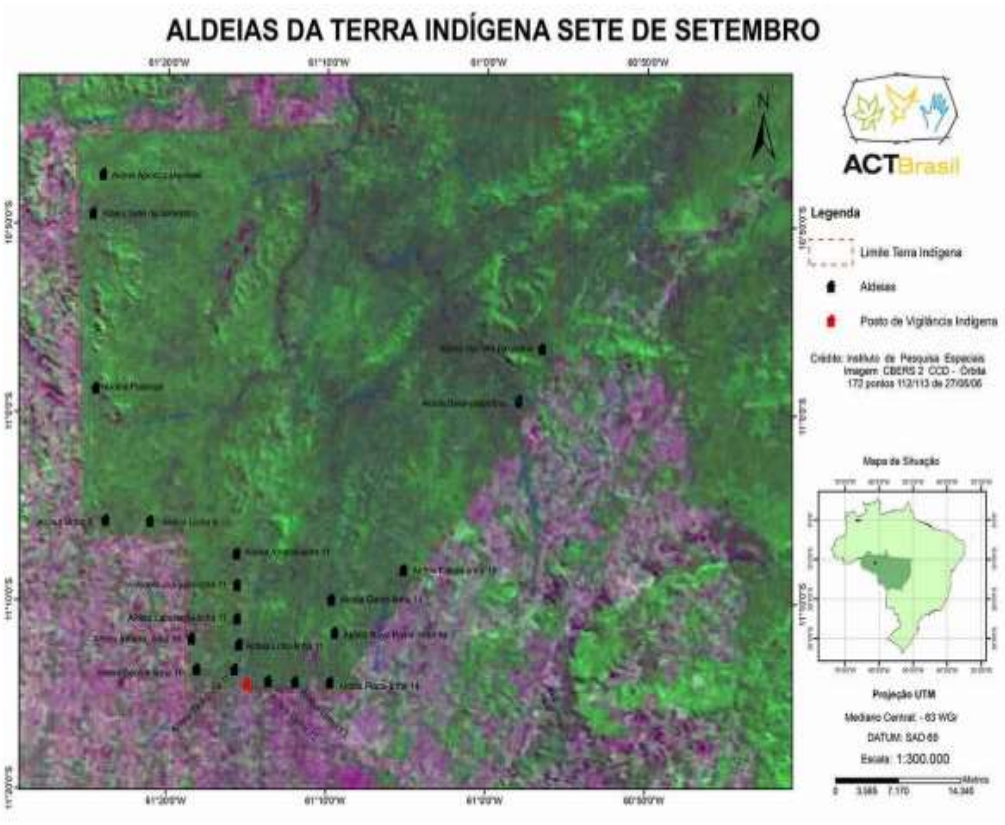
Infere-se que os diversos programas federais como o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil - POLONOROESTE e o Programa Agropecuário e Florestal do Estado de Rondônia – PLANAFLORO, ambos financiados pelo Banco Mundial, garantiam subsídios para os agricultores migrantes, que invadiam as TIs e passavam a produzir nesses territórios, em detrimento dos indígenas. A falta de definição da política fundiária do Governo e as invasões resultaram em inúmeras e brutais disputas pela terra.

Apesar de reconhecer os direitos dos Paiter Surui, o Governo Federal não reconhecia seu direito à terra, de modo que a demarcação da Terra Indígena Paiterey Karah só ocorreu em 1976, e a posse permanente dos Paiter Surui sobre seu território apenas em 29 de setembro de 1983, por meio da Portaria 1561 de 29 de setembro de 1983 assinada pelo presidente da FUNAI Octavio Ferreira Lima. Assim recebeu o nome oficial de "Área Indígena Sete de Setembro", com a assinatura do então presidente João Batista de Oliveira Figueiredo.

2.5.1. ALDEIAS DO TERRITÓRIO INDIGENA PAITEREY KARAH

Como estratégias de defesa do seu território reduzidos, resultados da grande e expansão colonização criado pelo Governo Federal, os Paiter Surui

deslocaram todas as aldeias para os limites da TI, para impedir a entrada de novos invasores, de modo a coibir ainda mais a redução da terra. Como mostra a imagem (FIG.6A).



Fonte: ACTBrasil, 2011.

Figura 6A. Mapa das aldeias Paiter na Terra Indígena Sete de Setembro. Fonte: ECAM, 2011.

Sucessivamente foram criadas as demais aldeias que atualmente soma-se no total de 27 aldeias espalhadas pelo território indígena Paiter (Quadro 1).

Quadro 1 – Aldeias da Paiterey Karah (T. I. Sete de Setembro)

ALDEIA	LOCALIZAÇÃO GEOGRAFICA
do Henrique; do Roberto; do Cristiano; do João	Linha 07
do Kadio	Linha 08
Paiter; Atamuia	Linha 09
Central; Iratana; Aimoré	Linha 10
Tikã; Lobó; Lapetanha; Joaquim; Amaral	Linha 11
Mauíra; Nabekod Abalakiwah	Linha 12
Paulinho	Linha 13
Placa; Gãbgir	Linha 14
Kabaney	Linha 15
Betel; Gãsereg	Pacarana
Aldeia Apoena Meirelles	Rondolândia –MT

Fonte: Gasodá Suruí, pesquisa de campo, 2018.

2.5.2. ASSOCIAÇÃO METAREILÁ DO POVO SURUI

Em 14 de dezembro de 1989 criaram a Associação Metareilá do Povo Indígena Surui, foi a primeira organização do gênero a ser criada no estado de Rondônia para atuar na luta e defesas dos direitos indígenas em especial aos Paiterey. O seu objetivo é de atuar e defender diante da situação de desmatamento, invasões de madeireiros e grileiros, que afetavam que ainda até hoje afeta diretamente não só os recursos naturais, mas também cultural e sua organização social.

Em 1999 decidiram realizar um diagnóstico de seu território e para isso buscaram o apoio do Ministério do Meio Ambiente - MMA via a Secretaria de Coordenação da Amazônia que os apoia para que possam desenvolver o Diagnóstico Agroambiental da Terra Indígena Sete de Setembro.

E hoje a Associação Metareilá do Povo Indígena Surui atua na defesa e preservação do patrimônio cultural e territorial, busca promover a garantia da biodiversidade e a formação dos povos e lideranças indígenas no intuito de construir e fortalecer a sua autonomia. As diversas atividades desenvolvidas pela Metareilá buscam envolver toda o povo Paiter Surui para assegurar assim o respeito da organização social, seus costumes, línguas, espiritualidades, valores ancestralidades e todas as demais manifestações culturais. Sua atuação na defesa do patrimônio territorial é desenvolvida por intermédio do Projeto PAMINE, projeto este tem como principal objetivo o reflorestamento das áreas degradadas da Terra Indígena Sete de Setembro.

2.6. TERRITORIO E TERRITORIALIDADE

Conforme o RAFFESTIN, CLAUDE (1993 p. 143) e essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se realiza a partir do espaço, e o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. LEFEBVRE, Henri (1978, p. 259), mostra muito bem como é o mecanismo para passar do espaço ao território: "A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos

que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, autoestradas e rotas aéreas etc. O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si.

A territorialidade foi definida em 1920 por um ornitólogo inglês, H. E. Howard, como "a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie".

Em Raffestin (1993, p.160), a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade—espaço—tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. A territorialidade é mais do que uma simples relação homem-território, argumenta-se que para além da demarcação de parcelas individuais existe a relação social entre os homens.

De algum modo resume também a maneira pela qual as sociedades satisfazem, num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados, suas necessidades em energia e em informação atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. Considera-se a dinâmica dos fatores envolvidos na relação, seria possível a classificação de vários tipos de territorialidade, desde as mais estáveis às mais instáveis.

2.61. TERRITORIO E TERRITORIALIDADE PAITER.

Na compreensão indígena a territorialidade são todos elementos que se apresentam como indispensáveis ao processo de afirmação da identidade cultural indígena. Sobretudo sentimentos e valores do construir, entender, vivenciar e olhar o mundo. Desse modo, é composto por símbolos, signos, significados e representações que permitem os Paiter se realizar no mundo.

A territorialidade não aborda somente a recuperar e valorizar as histórias da ocupação da terra por um determinado povo indígena, como propicia uma melhor compreensão de elementos culturais que são importantes para a vida humana, portanto é necessário que tenhamos conhecimento do que ela é e do

que compõe para melhor fazer o usufruto dela com mais responsabilidade, com isso visa o futuro da terra indígena e das pessoas que habita nela.

Do mesmo modo, escutamos de um ancião Paiter que o território indígena para os Paiterey é sagrado, pois nela está tudo o que eles precisam para se fortalecer para sobreviver.

> *Para nós povo indígena Paiter Surui a terra e de todos, porém cada família ou grupo clãnico tem o seu local especifico para caçar, pescar, coletar frutas e castanhas diferente um dos outros. Mas o que nós unimos como povo e caçada coletiva, festas tradicionais coletivas, pescaria coletiva que fazemos ou realizamos para nós alimentar. Cada clã convida outro grupo a caçar, pescar e coletar frutas e castanhas para realizar festas e rituais sagrados. Um grupo não pode frequentar o local de caça, pesca e coletar frutas sem conhecimento do outro. Se isso acontecer pode haver desafios como vingança, ou seja: o grupo pode oferecer bebida ao grupo que invadiu o seu território. Assim cuidávamos no nosso território. Mas isso não significa que o território e dividido. Mas apenas uma questão de organização social e cultural que os Paiter usam para ocupar o espaço onde vivem.* (Ubajara Surui, ancião Paiter do clã Kaban), morador da aldeia Paiter Linha 09 - janeiro de 2018.

Destarte, entendemos que territorialidade envolve as marcas do território e concordamos com Almeida Silva (2010), que afirma sobre o aspecto “marcadores territoriais”, o qual é compreendido a partir dos símbolos e suas representações que ocorrem no espaço de ação, o qual define territorialidades vinculadas à cosmogonia e experiências sócio espaciais e possibilitam a formação das identidades culturais e do pertencimento identitário.

A espacialidade e territorialidade são consideradas como a ação humana sobre o espaço, visto que mostram a aproximação física e, sobretudo sentimentos e valores do construir, entender, vivenciar e olhar o mundo. Deste modo, está composta por símbolos, signos, significados e representações que permitem o ser humano se realizar no mundo.

> *Eu vou falar na minha língua. Sobre o nosso território Paiterey Karah e da história do contato. Eu moro aqui neste lugar a qual dei o nome de Aldeia Central Linha 10, é um lugar que foi criado pelo Palob a quem nos criou e também a esta floresta. Já moro aqui há um bom tempo. Esta região nasceram os meus avôs e os meus pais. Aqui meu pai viveu e foi onde ele me deixou. Por isso sei quem eu sou. Por isso moro neste lugar. Nesta floresta vivíamos andando e por isso outros índios nos encontravam e tentavam nos matar. Fugíamos e lá também encontrávamos outros inimigos e assim voltávamos para o lugar de onde já tínhamos fugido. E depois os seringueiros também chegaram e queriam nos matar. Nós fugíamos para o lugar de onde já tínhamos fugido antes. Assim viveram nossos ancestrais, aqui na floresta, e por isso vivo aqui nesta floresta até hoje. Sei como vivi aqui e tenho conhecimento profundo sobre a floresta. Por isso vivo defendendo o que o meu pai deixou para mim como herança. Porque sei que meu pai nasceu desta floresta. Por isso sei quem sou e que sou Paiter. Busco formas de me adaptar, mas com muito medo, porque estou cercado de*

yarah por todos os lados, explorando esta floresta. Tentamos muito defender a floresta, os velhos defenderam muito a floresta, defenderam o seu habitat. Respeitavam uns aos outros, consultavam uns aos outros, planejando o futuro, o dia a dia. É por isso que tenho comigo os ensinamentos do meu tio. Ele me disse que eu tinha que ter amigos para viver em paz. Se eu fosse sozinho, tivesse só meu irmão, então não teria paz comigo: O que traz harmonia para nossa vida são os nossos familiares. Você deve agradar seus cunhados, assim fazíamos com nossos cunhados", assim ele me dizia. Ele dizia que, bem distante daqui o seu pai fora morto por outros índios e que da mesma forma que viveu comigo, ele viveu com meu pai depois que isso aconteceu com o pai dele. Assim ele me disse: "Eu não abandonei o seu pai e por isso eu vivia em paz". Esse é o nosso costume, nossa forma de vida. Assim que o cunhado prepara yatir, comunica a todos que no dia seguinte irá servir, dizendo: "Vou servir yatir amanhã para meu cunhado". E por sua vez quem vai beber yatir também comunica a seus parentes, dizendo que no dia seguinte será embebedado pelo seu tio: "Meu tio está dizendo que vai servir yatir para mim". E assim todos se reuniam para a festa, assim era a nossa vida. Depois nos reuníamos para caçar e assim que tínhamos a caça, dávamos ao dono de yatir. E ali, próximo, nos reuníamos para nos alimentar de cará, milho. Assim fazíamos. Assim vivemos a vida, nós somos Paiter mesmo, meu pai é Paiter, minha mãe é Paiter. Assim, os clãs Kaban, Gãmeb, Gapgir. O Makor foi criado para se relacionar com os outros, os casamentos são com Makor, tomamos deles, dos Makor, as filhas como esposas e seus filhos são nossos cunhados. E assim se vive em harmonia com o genro que, por sua vez, faz yatir, embebeda seus visitantes. Os cunhados também fazem o mesmo, embebedando os visitantes. Meu pai me ensinou que se eu tenho irmã, já tenho esposa. Por isso sou obrigado a cuidar do meu cunhado, do futuro sogro, consultando-o sempre para os trabalhos do dia a dia. Por isso nossa vida era muito justa, porque não vivíamos de qualquer jeito, respeitávamos uns aos outros, não vivíamos como loucos. Bebíamos yatir, planejávamos nossa vida, planejávamos a construção de nossas casas, escolhíamos o lugar. Nos reuníamos para cortar pilão, realizávamos a festa de yatir. Essa era nossa vida. Assim vivíamos. Hoje não vivemos mais assim, porque todos os responsáveis por isso morreram. Eles me deixaram e mesmo que eu queira, não tem quem faça isso comigo. Não tem quem me ofereça yatir. Como todos morreram, só eu restei. Eles serviam meu pai. Assim era nossa vida, dependíamos da floresta porquê da floresta nascemos. Não nascemos na cidade como os Yarah ey, nascemos aqui na floresta. A nossa cidade é toda esta floresta. Por isso que gostamos da floresta como o yarah gosta da cidade. Assim eu vivo, gosto da floresta e quero que meu filho também viva da floresta. Se eu destruir toda a mata, ele não vai ter onde morar, por isso defendo a floresta. Desejo morar na floresta, deste rio pescar e comer o peixe; desta floresta caçar para me alimentar. Alimentar-me do macaco-aranha, assim é nossa vida. É isso que tenho para contar. (Ipatara Surui – Líder da Aldeia Central Linha 10, clã Kaban, 02 de agosto de 2017).

As questões levantadas por Ipatara remetem a valores que perpassam os aspectos da materialidade, tratam-se de pertencimento identitário, de apego e respeito à terra, pois nela se faz presente a história com lutas, vitórias, derrotas, sonhos, perspectivas, de maneira que se contextualizam conceitos como território e territorialidade, que tem sido objeto de discussões nesse século, particularmente, ao ser tratar de povos originários.

Entender como ocorre essa organização a partir dos próprios indígenas se faz necessário, uma vez que o contato com a sociedade envolvente interferiu na transmissão de sua cultura para as novas gerações, de maneira que adquiriu novos significados e representações de mundo. O contato fez com que alguns rituais e valores fossem “esquecidos” ou não praticados.

Almeida Silva (2010; 2015) observa que os “marcadores territoriais”, estão relacionados à construção mental, em que os seres humanos são obrigados a cumprir as tarefas de alimentação material e espiritual, na qual os signos, as formas, as representações simbólicas e as presentificações, tais como fenômenos constituem a base psíquico-espiritual de suas resistências e resiliências, em que não podem ser deixados de lado os mitos, os valores morais, em que se desenvolvem como cultura.

Assim, desta mesmo jeito, para nós povos indígenas, a terra (território) é mais que um recurso natural e meio de subsistência. Ela representa a força, segurança para a vida do coletivo e está ligada nos valores e conhecimentos adquiridos desde a nossas ancestralidades. Ela não é de um ou dois indivíduos, é um bem comum e coletivo de todo o povo indígena. Como por exemplo: A Terra Indígena Sete de Setembro não é de um Paiter, mas sim de todo o coletivo Paiter que habita aquele território indígena.

Para os coletivos indígenas, os elementos que se apresentam no espaço fazem parte de sua vida e são fundamentais na presentificação dos mitos, ritos e símbolos. Com isso, o território confere identidade para os que nele residem, e que conferem identidade e pertencimento ao território.

Os coletivos indígenas de Rondônia buscam sua sobrevivência, o que se torna um imenso desafio, todavia, é uma situação que se assemelha ao de outros povos originários no Brasil, em decorrência dos processos e forças externas que pressionam os territórios.

A procura pela solução dos debates pela demarcação do território, o impacto do colonizador na transmissão da cultura, são características que unem os coletivos entre si. O povo indígena Paiter Surui é um dos coletivos que compõem o mosaico indígena nos estados de Rondônia e Mato Grosso. Faz-se necessário o reconhecimento da organização como atores da construção territorial, como ocorre o diálogo das suas relações históricas dentro de sua área de convívio.

No século XIX os Paiter Surui teriam emigrado de Cuiabá - até então sua terra natal - para Rondônia, empreenderam fugas em decorrência da perseguição de não indígenas, o que ocasionou choque com outros povos originários e consequentemente batalhas.

Os Paiter Surui se diferenciam como etnia dos demais indígenas, por sua cultura, a maneira como apreende o mundo e o representa os caracterizam de modo peculiar. A sua cosmogonia, valores ancestrais passados de gerações, a suas indumentárias para os rituais, sua pintura, sua culinária, são fatores que influenciam para se firmar como um coletivo, como uma etnia.

Os Paiterey sobrevivem da caça, da pesca, da coleta de produtos da floresta e da agricultura. Os homens são responsáveis pela sua comunidade e sobrevivência familiar, por isso: caçam, pescam, coletam frutas, castanhas, fazem roçadas para lavouras plantios e fazem fiscalização e vigilância do seu território contra os invasores.

As mulheres também atuam no planejamento e gestão do território Paiter, e participam com os maridos nas caçadas, pescarias, coletas de castanhas, frutas, lavouras, vigilância territorial e confecção de artesanatos. Apesar das pressões que sofrem por parte dos não indígenas, que têm contribuído para diversas mudanças no coletivo, os Paiter ainda mantêm e lutam pela preservação e manutenção de muito de seus valores, tanto no que diz respeito à cultura material quanto aos aspectos cosmológicos, que se relacionam com a cultura de outros povos do tronco linguístico Tupi Mondé.

Para além das questões abordadas sobre a origem, a organização social e política, a cultural, o Universo dos Paiter Surui é explicado a partir da internalização de representações simbólicas por meio da espiritualidade, da realização de ritualísticas-festivas, de modo que se tem a apreensão de mundo com suas materialidades e imaterialidades.

CAPITULO III - ESPIRITUALIDADE, RITUAIS E CULTURA PAITER

Entendemos que cada povo tem uma explicação do mundo, que julga ser a verdadeira em contraposição a dos outros, não podemos falar em crenças ou religião dos indígenas como um todo. É preciso tomar alguns cuidados, para procurar compreendê-los melhor, e para estimular a pesquisa e a curiosidade sobre a imensa diversidade espiritual indígena em seus diversos modos e manifestações.

A cultura representa o modo de vida por meio não apenas da produção material, mas também e principalmente da produção imaterial como os costumes e as tradições e os significados expressos nos modos de vida e representação social e espacial de cada agrupamento humano.

> *Cada povo tem sua maneira de entender e compreender o mundo. Da mesma forma nos do povo indígena Paiter temos a nossa cultura. Pois é a nossa cultura que nos dá a nossa força e torna em nossa sabedoria para enfrentar os desafios do nosso dia a dia. Quando falamos em cultura, estamos refletindo muita coisa: saúde, educação, território, meio ambiente, alimento, musica, pintura, chicha, artesanato e nossos rituais. Assim, dedicamos todas as nossas forças em nossos rituais, pois é nele que criamos coragem para lutar contra os males que nos cercam, é com fé em nosso ritual que curamos as enfermidades, é com nosso ritual que nos divertimos em noite de lua cheia onde as crianças cantam e brincam, ouvem histórias contadas pelos mais velhos, por tanto nós povos indígenas, apesar de tantas desgraças, tanto massacre estamos aí preservando a nossa cultura com a mesma fé em nosso pai Palob, por que ele se faz presente em todos os nossos rituais, seja na hora da alegria ou na hora da tristeza, seja na hora da saúde ou da doença ele está no meio de nós.* (Gãlib Surui. Entrevista: O jeito de ser Paiter – Aldeia Linha 10 Central. 07 de janeiro de 2018).

De acordo com CLAVAL, (2007, p.63), a cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material, e permite a inserção desse indivíduo na sociedade, pois proporciona uma significação de sua existência e dos seres humanos que o cercam e formam a sociedade da qual se sente membro, ou seja,

> A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram (Paul Claval 2007, p.63).

O Povo indígena Paiter Surui de Rondônia conforme a sua cultura ancestral também tem sua maneira de entender e compreender o seu mundo.

Para eles nada foi feito por acaso nesse universo. Se existem seres de toda espécie neste Planeta para sobrevivência e porque alguém o criou. Com certeza deve ser um ser bem maior. Este ser para os Paiter chama-se PaIob, (nosso pai), o criador de todas as coisas.

Os Paiter acreditam em Palob, em que eles buscam força, coragem e sabedoria que faz deles um povo guerreiro que sempre lutaram pelos seus objetivos de uma maneira organizada e planejada, sem desrespeitar e humilhar outros seres que são obras prima do grande criador.

A força que vem do Palob para os Paiter é para fortalecer o povo, proteger dos perigos, afastar os maus espirito das aldeias, trazer cura para o povo. Isso é um caminho para que a paz reine a vida Paiter, assim desta maneira facilita a sua luta no seu dia a dia. Os Paiter são festivos e visto como grandes cantores. Por isso a música sempre é uma ferramenta de autoestima para fortalecer na busca de energias positivas para as aldeias.

As músicas são cantadas no dia a dia, pelos homens e pelas mulheres na configuração de roda de conversa. Mas também acontece nas festas tradicionais, como Mapimaí, onde somente canta os homens e que as mulheres participam. Existe também as músicas do ritual de cura. Somente o pajé é quem faz essa cantoria comandada pelos seus espíritos da floresta, das aguas e dos animais junto com o enfermo e seus familiares. Os cânticos também são modos de expressarmos nossas alegrias, tristezas e assim vivermos com a nossa fé e nossa cultura perante à sociedade não indígena.

A cultura Paiter como todo e importante para sua vida, por isso sua valorização, preservação e fundamental para garantir a sua sobrevivência nos dias de hoje. Principalmente que a luta dos povos indígenas passa por um momento muito difícil, sobretudo no assunto de garantia de direitos indígenas a sua cultura e o seu território. Diante desse desafio é necessário que os povos originários se organizem para encarar essa dura realidade de como garantir e preservar o seu território.

O povo Paiter Surui sempre tem preocupado com futuro do seu povo, assim buscaram vários meios e planos estratégicos para reverter essas situações incomodas. Pois ainda mantém as tradições culturais do seu povo, que quase foram esquecidas com o efeito do contato na década de 1960. Nesse sentido as

questões tratadas como prioritárias são a valorização, preservação do seu território e da sua cultura tradicional.

Sabemos que a prática das festas e rituais para o povo Paiter não se acontece em qualquer lugar. Por isso tiveram que construir um espaço ideal e especifico para realização desses momentos de festas ritualística-tradicionais, rituais de cura e lugar para buscar a reflexão para manter o contato harmonioso com a natureza

Com a perspectiva de garantir de fato a sua autonomia através dos seus valores, e entendimento do universo e por pensar nas futuras gerações, os Paiterey criaram o Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob na Aldeia Paiter Linha 09, como na Figura 7.

Figura 7. Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob. Foto: Gasodá Surui, 2018.

O Centro Cultural Indígena Paiter “Wagôh Pakob” que significa " força da floresta" em Tupi Mondé, é um espaço Cultural Indígena. Foi inaugurado no dia 22 de novembro de 2016. Está localizado a um quilômetro da Aldeia Paiter, fica às margens do rio Guapó que é uma das principais afluentes dos rios Branco e Ribeirão que banham o território Paiter. A Aldeia Paiter também é conhecida como "Aldeia Linha 09", é umas das 27 aldeias existentes desse território,

localiza-se no final da vicinal de mesmo nome, no km 45 pertencente ao município de Cacoal no interior do estado de Rondônia.

O WAGÔH PAKOB é uma iniciativa indígena Paiter que foi criada a partir da preocupação com as grandes perdas e desvalorização cultural que tem ocorrido com o povo Paiter devido às consequências e resultados do grave contato com a sociedade não indígena. O Centro surge neste momento como um local de reflexão e busca de fortalecimento das práticas culturais para valorização e resgate da cultura Paiter, conforme escrita no plano de Gestão do território Sete de Setembro.

> *O centro Cultural Wagôh Pakob e muito importante para nós da Aldeia Paiter Linha 09. Porque hoje após o contato estamos preocupados com o futuro do nosso povo. Ainda mais vendo as novas gerações não valorizando a nossa cultura como antigamente, trocando pela cultura do homem branco. E isso não é bom para nós. Por isso criamos ela para ser um lugar de conversa, dialogo e reflexão entre nós para analisar que fazemos para fortalecer, valorizar e preservar a nossa cultura por muito tempo.* (Nahêga Surui. Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob – Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017.

A cultura é um patrimônio coletivo de um povo, assim também e para povo Paiter Surui, pois é indispensável para sua sobrevivência e precisa ser repassado às futuras gerações, para que eles também tenham esse conhecimento para o fortalecimento da sua luta.

O Centro Cultural foi criado como ambiente de trocas de ideias, experiências, repasse de informações dos conhecimentos tradicionais dos mais velhos para os jovens afim de prepará-lo a ser futuramente um guerreiro. Assim busca o fortalecimento, a valorização e preservação de sua cultura, também como espaço de realização de intercâmbio entre povos os indígenas (homens, mulheres, jovens e crianças).

Destarte, o Centro busca ainda trazer paz entre os povos da floresta, também contribuir e fortalecer na formação política ambiental e cultural das novas gerações e ao mesmo tempo resgatar e adaptar os etnoconhecimentos e valorizar as práticas culturais associadas à conservação/preservação da natureza.

Desde a sua fundação o Centro Cultural Wagôh Pakob, conta com apoio da ONG Forest Trends e sua Iniciativa Comunidades que tem sede em São Francisco na Califórnia no Estados Unidos, através do projeto financiado pela Fundação Ikea. Que também tem parcerias com outras instituições ambientais,

indigenista, como: a Associação Kanindé, Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia – AGIR e Governamental como: FUNAI e SESAI.

Todas as questões retratadas no primeiro capítulo têm como base a cosmogonia Paiterey, a qual se manifesta pela realização de festas e rituais tradicionais ancestrais que contribuem para o fortalecimento da vida social do povo, bem como no que se refere ao sentido e sentimento de pertencimento identitário e territorial.

CAPÍTULO III - FESTAS E RITUAIS TRADICIONAIS DO POVO PAITER

Este capítulo é dedicado às festas e ritos tradicionais ancestrais dos Paiterey, de modo que ajuda a explicar seu modo de vida, a relação com a floresta, o etnoconhecimentos e a valorização das práticas culturais e espirituais. É oportuno destacar que o Universo Paiter foi concebido por Palop, logo as festas e os rituais são obras do Criador, os quais servem como ensinamentos que devem ser seguidos pelo povo.

3.1. RITUAIS SAGRADOS DO POVO PAITER

Praticamente em todas as culturas e tradições, o comportamento humano é permeado de rituais. Os rituais são marcadores que pontuam momentos importantes na vida das pessoas e de um povo. No caso dos rituais indígenas não estão separados da vida cotidiana.

Há diferentes elementos simbólicos, como danças, cantos, pintura corporal, adornos, vestimentas de palha e de materiais diversos extraídos da natureza. Os rituais fundamentam toda a realidade e organização da comunidade e existem em todas e vários jeitos de invocação. Seja ela por meio de cânticos, festas e ritual de plantios e colheitas e trabalhos coletivos como: caça, pesca e coletas de frutas e outros

Provavelmente em todas as etnias originárias existem ritos e rituais de passagem, que estão ligados à gestação e ao nascimento, a iniciação à vida adulta, ao casamento, à morte e outras situações.

A cultura povo indígena Paiter Surui é riquíssima, pois apresenta uma grande diversidade de festas e rituais importantes considerados sagrados para o fortalecimento da vida social e cultural, o que acompanha e reflete no processo de sua luta pela sobrevivência.

Após o contato com a sociedade não indígena essas importantes festas e rituais tradicionais sofreram muitas alterações, e muitas vêm, aos poucos, são abandonadas devido aos conflitos ideológicos com as novas religiões introduzidas nas aldeias indígenas.

Em conformidade com Claval (2007) os estudos geográficos, elegem a cultura como importante componente nas relações entre homem e meio e nas relações sociais.

> Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. […] Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. (CLAVAL, 2007, p.63).

Encontramos na filosofia das formas simbólicas e fenomenologia do conhecimento proposta por Cassirer, um dos caminhos de construção científica, sem dispensar dos etnoconhecimentos dos Paiter Surui.

Deste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos: não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo. Neste domínio, apresenta-se esse auto desdobramento do espírito, em virtude do qual só existe uma ‘realidade’, um ser organizado e definido. Consequentemente, as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim, órgãos dessa realidade, posto que, só por meio delas, o real pode converte-se visível para nós (CASSIRER,1992, p.22).

A última festa ritualística Mapimaí, por exemplo, foi realizada no ano de 2012 depois de 12 anos, de acordo com os Paiter Surui foi retomada em memória à morte de alguns deles. As festas comemoradas (natal, aniversário, datas civis etc.) pela sociedade não indígena foram em grande parte assimiladas pelos Paiterey.

3.1 IIH OU IATIR – BEBIDA TRADICIONAL FUNDAMENTAL NA VIDA SOCIAL E CULTURAL DO POVO PAITER.

A bebida é peça principal na vida indígena, pois não falta em nenhum momento de festas, rituais e no dia a dia mesmo. Pode ser feita de cará, mandioca, milho e batata-doce. Existem dois tipos de bebidas, como: IIH é um

tipo de bebida normal, sem fermentação e sem teor alcoólico e não corre o risco de embriagar quem consome. É para o consumo no dia a dia por todos, homens, mulheres, jovens e crianças. Agora o iatir é especial para os momentos de festas e rituais, é fermentada e guardada por vários dias numa panela de barro tampado num local seguro e fechado.

Por conta da fermentação e do lacre a bebida transforma em teor alcoólico extremamente forte. Ao ingerir em grande quantidade a pessoa vomita, depois voltam e bebem mais quantidades.

São preparadas pelas mulheres em conjunto, elas aproveitam o momento para fazerem os seus artesanatos e tecerem os fios de algodão para fazer colares e redes para os seus familiares e para trocas de presente no final do Mapimaí. Enquanto os homens buscam lenhas para fazerem fogos para cozinhar a chicha. Para fazerem uma boa chicha e forte e importante que não faltem lenha para cozinhar com mais agilidade.

Dizem que a mais forte é a chicha feito de milho. Somente os mais corajosos que encaram esses desafios. Chicha de milho o mais potente (FIG. 8).

Figura 8. Iatir de milho, Centro Cultural Wagôh Pakob. Arquivo: Fernanda Bonilha, 2017.

3.2 MAPIMAÍ – FESTA DA CRIAÇÃO DO MUNDO PAITER

De todas as manifestações culturais do povo Paiter Surui o Mapimaí é um dos mais importantes ritos cerimoniais, cujo contexto traz reconciliação e busca de equilíbrio entre ser humano, cultura e natureza, ao tempo em que se promove a união, mantém alianças entre os clãs e fortalece a cultura e espirito de luta. O sentido do Mapimaí é a renovação da energia de criação entre os clãs (FIG 9).

Figura 9. Ritual de Mapimaí no Centro Cultural Wagôh Pakob. Arquivo Gasodá Surui – 2016.

> *O Mapimaí é muito importante para o nosso povo e um momento de confraternização entre todos os clãs, onde todos aproveitam para agradecer ao grande criador do universo pelas conquistas alcançadas pelo povo Paiter. Mas também pela fartura, saúde e para afastar os males, proteger de conflitos e se manter livre das adversidades. Esta festa envolve todos os membros, principalmente do pajé, onde ele usa um momento para cura dos doentes e também pede a proteção para todo o povo. (Ipatara Surui. Entrevista: Porque o Mapimaí e importante para a vida dos Paiter – Aldeia Central Linha 10: 02 de agosto de 2017).*

Neste ritual, o povo indígena Paiter Surui (Paiterey) procura responder as questões sobre a origem do mundo, com isso busca o fortalecimento de sua identidade e seu jeito de organização social. Na realidade, o Mapimaí é composto de vários ritos de passagem os quais são assim descritos:

Os clãs partilham as mesmas regras sociais e que na vida em coletividade se dividem em duas metades, umas ligadas ao mato denominado Metare (floresta ou mato) e a outra à roça denominada Íwai (dono da chicha).

Essas metades são interdependentes, e em sua lógica de organização social as famílias mudam de lado em ciclos anuais, assim, quem é do mato passa a ser da roça e vice-versa.

Todos possuem compromissos com o seu lado nos vários tipos de trabalhos possíveis entre caça, roça e confecção de objetos, cada qual com a demanda da roça ou da mata. A oposição entre a mata e a roça organiza o calendário anual dos Paiter. A divisão entre as metades determina vários momentos da vida social, percorre desde a produção de alimentos, festas e culmina com a realização de rituais.

O Metare, além de ser um lugar de preparação do ritual que fica contido na floresta ou mata, afastada dos demais onde são feitos arcos, flechas, enfeites de pluma ou palha, cocares, tudo isto em meio a conversas, muita diversão e degustação de comida como carne moqueada, peixe assado, castanha, gongo de babaçu e outras iguarias, é também um local de prática de jogos e excursões. Várias redes são armadas debaixo das árvores para o descanso e concentração.

As *waled*-ey (as mulheres) fazem as peças de cerâmica, os colares, os cestos, fiam e tecem tipoias para carregar os filhos, além de cintos e colares de algodão tudo com muito urucum e sob orientação de artesões indígenas. Os objetos artesanais produzidos no Metare são destinados às trocas de presentes no final do Mapimaí, de modo que os membros de uma metade passam para a outra e vice-versa, em meio aos cantos, danças e muita bebida.

A festa ritualística Mapimaí acontece no período de colheita ou no plantio, em que as metades trocam presentes e alimentos. A preparação da festa do Mapimaí leva meses, em decorrência da necessidade de produzir imensas quantidades de chicha, a bebida fermentada tradicional. Trata-se de dias seguidos de cerimoniais complexos, para que todas as pessoas possam se enfeitar com colares, cocares, plumas e cintos de algodão pintados. No Metare, que está localizado no interior da mata, há mais fartura de caça e pesca e os moquéns estão sempre cheios de carne.

O tempo para se dedicarem a essas atividades são maiores. No dia de se tomar a bebida da festa um imenso cortejo parte do mato para a aldeia, em

cantos e teatro rituais. As waled-ey dos chefes cerimoniais conduzem tochas de fogo, que não podem e nem devem ser apagadas, pois se assim o forem, isso significa um sinal de que alguém da família irá morrer cedo ou mais tarde, como também de que o ser criador da humanidade, Palob ("nosso pai" ou "nosso Deus") se recusa a visitar e proteger a aldeia. A tocha possui o sentido da vida material e espiritual, a qual é um símbolo de grande importância para o modo de vida e para a cultura Paiterey.

No Mapimaí acontece a troca de presentes entre as metades, consiste em que os Íwai, grupo da roça ou da comida, são anfitriões. Os iwai devem prover nas festas a chicha denominada de "iatir", ofertada por "Palob" - herói e criador de todas as coisas que protege o território e sua gente. Todo o universo foi criado por Palob em equilíbrio com todos os seres. Ele nos deu valores e qualidades próprios para conviver em harmonia com a natureza. No Mapimaí a chicha (bebida fermentada dos Paiterey), feita com milho e que adquire teor alcoólico – é um elemento de purificação espiritual dado por Palob

Os iwai precisam de roças maiores para suas "oferendas" e devem dedicar mais tempo para colher e cozinhar, já a outra metade, os do Metare, fica na floresta às margens de um igarapé, embora continuem a trabalhar na roça como os outros. Um conjunto de tapiris provisórios (casas) é construído em semicírculo para cada família na clareira eleita para sediar o Metare. O Metare está ligado às andanças, ao prazer das excursões, aos alimentos subitamente abundantes, sem que seja necessário esperar pelo ritmo das estações e pelo crescimento das plantas, como acontece com a roça.

3.3 GÃMAGÃREH –WEH – DERRUBADA DA ROÇA

O gãmagãreh-weh é um trabalho comunitário e voluntário de fazer roçada grande. Idealizado pelo chefe do grupo clãnico iwai, o dono da festa ou dono da chicha durante o Mapimaí. O anfitrião da festa convida o chefe do grupo clãnico convidado para o Mapimaí para um trabalho comunitário de fazer a roçada e derrubadas e uma determinada área escolhida pelo grupo liderado pelo dono da chicha para plantar: cará, milho, mandioca e batata, ao tempo que já pensa no

evento do próximo ano. Esta estratégia é para garantia de viver bem, trabalha-se e se diverte ao mesmo instante. (FIG. 10).

Fig. 10 Gãmagãreh-weh - Roçada e Derrubada durante o Mapimaí. Foto: Gasodá Surui, 2016.

No final da roçada o dono da chicha juntamente com sua equipe vai até o local para fiscalizar e avaliar o trabalho para verificar se foi feito conforme o combinado. Caso o trabalho não é cumprido ou mal feito, o grupo oposto é convidado para beber várias cerâmicas cheias de iatir (chicha), como maneira de perdedor ou de inferioridade. Como nenhum grupo quer perder para outro a festa continua e vai dias e dias. Assim as mulheres não param de fazer chicha e os homens não param de oferecer bebida ao grupo rival.

> *Para nós Paiter a roça é muito importante. Pois nela plantamos nossos produtos para que seja alimento para nossa sobrevivência, como: cará, mandioca, milho, amendoim, inhame, banana, batata-doce. E com ela que fazemos chicha para nossas festas e cozinhamos para comer com carne da caça, peixe, gongo tirado do babaçu. Quando não fazemos derrubada e o ano de crise e fica difícil. Para evitar todo ano fazemos roçada para manter a fartura em dia para o nosso povo Paiter. Luiz Mopilabaten Surui. Entrevista: A importância da roça para o Povo Paiter – Aldeia Paiter Linha 09 – 02 de março de 2018).*

Como se vê trata-se de um congraçamento, o encontro para reafirmar os laços de parentesco, ao tempo que funciona como um mutirão que preza pela valorização das relações identitárias.

3.4 WEYXOMAREH –WEH – FAZER PINTURA CORPORAL.

O Weyxomareh-weh é um momento especial para os Paiter. Os homens, mulheres, jovens e crianças dos grupos clânicos presentes preparam a tinta de jenipapo para fazer a pintura corporal a todos os participantes do ritual de Mapimaí. A tinta é feita, extraída da fruta verdade do jenipapo que é preparado pelos homens ou jovens à moda Paiter Surui, (FIG.11).

Figura 11. Pintura Corporal Paiter. Foto: Gasodá Surui, 2017.

A pintura acontece isoladamente, ou seja, os grupos do dono da chicha fazem pintura corporal separado daqueles que vão beber a chicha. Entre os grupos não pode haver misturas, muito menos do rival. Cada família e responsável pela pintura dos seus membros (pai, mãe, filhos). Cada um recebe a sua pintura conforme o seu gênero, pois existem pintura do homem, da mulher, do jovem e da criança.

> *A pintura corporal para o nosso povo e muito sagrado. Através dela mostramos o nosso ser para a pessoas. Cada um tem a sua pintura diferente uma da outra. O homem e mulher tem a sua pintura diferente*

> *um do outro. Como também o jovem tem a sua pintura diferente da criança. Ela é como se fosse roupa para o homem branco. Sem ela não temos sentidos. Usamos junto com os nossos colares e ficamos enfeitados e bem bonitos para nossas festas e nosso dia a dia. (SURUÍ, Gãtoten. Entrevista: A importância da pintura corporal para Paiter. Aldeia Paiter Linha 09 – 02 de março de 2018).*

Na cultura Paiter Surui a pintura corporal e feito conforme o gênero: cada um tem a sua pintura distinta um do outro. Os homens têm diferentes das mulheres, assim como os jovens em relação às crianças. Os traços trazem representações de animais, do banco do Palob. Ao se pintarem de onça significa que irão para a guerra e o banco de Palob é para se divertir e dançar.

3.5 HÔ-ÊI-Ê-TÊ – O CANTO DO PAJÉ: MANIFESTAÇÕES ARTISTICAS RELACIONADAS ÀS PRÁTICAS DE SAÚDE OU FESTA EM QUE O PAJÉ CONTROLA OS ESPIRITOS DA ALDEIA.

O wawãh[18] tem o poder de comunicar com os espíritos da floresta, porque antes ele passa por um momento de purificação e de aprendizagem, ou seja, passa por um teste e recebe todo o ensinamento dos espíritos da floresta. Somente depois que ele é autorizado a cuidar e a, proteger as pessoas e a natureza. Isso faz com que ele se torna um aliado e verdadeiro defensor das pessoas, floresta, animais, peixes e rios e tudo aquilo que tem vida é importante para sobrevivência humana.

Na sociedade Paiter o wawãh é uma figura respeitável pois recebem muita força dos espíritos da floresta enquanto pajé para cuidar e proteger as pessoas, animais e plantas. Se o wawãh não obedecer ao que os espíritos dizem, podem abandonar e poderá perder a sua força. Se os espíritos não comunicam e nem dialoga, isso faz com que ele volte a ser pessoa comum. Sem a força ninguém não pode fazer nada.

O HÔ-ÊI-Ê-TÊ é um ritual mais específico e momento do pajé para fazer a cura de pessoas doentes e enfermos. Primeiro os parentes e familiares do doente consultam o pajé para fazer o ritual em prol do doente (FIG 12). Assim, os familiares saem para caçar para oferecer ao pajé para ser a oferenda do ritual. Assim a caça é trazida até o pajé para que seja usada como a oferenda para o pajé invocar os espíritos a participar da oferenda o doente fica livre da doença e

[18] Pajé, guardião dos Paiter.

caso não aceita o convite a pessoa pode ficar mais doente e não resistir. Como o próprio nome diz em Tupi Mondé, “manifestar os espirito a ajudar a curar pessoas.

> *O HÔ-ÊI-Ê-TÊ era o momento do pajé com aqueles que procura pela enfermidade e proteção contra os males. Participava somente os familiares dos doentes. Assim oferecia animais, caça para oferenda. Era através das caças trazidos que o pajé invocava os espíritos da floresta para que eles subsidiassem para a cura das pessoas”* (Ubajara Surui. Entrevista: O ritual do Hoeyateim para cura dos doentes – Aldeia Paiter Linha 09: 01 de agosto de 2017).

Figura 12 Perpera - Pajé com seu bastão ritualístico. Foto: Betty Mindlin, 1979.

3.6 LAWAÃÃREH - CONSTRUÇÃO DAS MALOCAS.

O Lawaãareh é um trabalho comunitário e voluntário específico para construção de malocas para recepcionar os grupos clânicos durante o ritual do Mapimaí, e organizada pelo dono da festa, em que ele e os seus grupos convida o chefe do grupo oposto e os seus membros para atividades de construção de malocas tradicionais para ser o grande palco durante o Mapimaí.

Para facilitar o trabalho das construções todos participam e contribuem de acordo como pode. Os homens e jovens buscam e retiram as madeiras para armação e folhas de babaçu para cobertura. Enquanto as mulheres quebram as palhas e entregam para agilizar na cobertura. Outros se responsabilizam pela caçada e pescaria para garantir alimentos enquanto outros trabalha firme na obra.

É importante que tenha estrutura pronta o quanto antes e suficiente para atender toda a demanda durante os dias do evento, principalmente conforto e segurança dos participantes. Quanto mais pessoas trabalham, mais rapidez e previsto o término da construção. E ainda sobra tempo suficiente para fazer outros serviços complementares antes do evento. Deste jeito, a alegria e paz contagia o ambiente (FIG 13).

Figura 13 - Construção da maloca grande pelos Paiter. Arquivo: Fabrício Gatagon Surui, 2018.

> *A construção é uma coisa muito importante o nosso povo. Pois é o nosso bem maior e as nossa moradia, nossa casa. Onde alojamos nossas famílias, nossos filhos para ficarem protegidos contra as impurezas. Quando temos malocas para morar e garantia de viver bem. Por isso que esse conhecimento precisa ser passado por nós velhos para as novas gerações. A minha maior preocupação e que os jovens de hoje deixar de praticar a nossa cultura. Se isso acontecer seremos um povo sem identidade. Pois um povo sem cultura não tem perspectiva de futuro.* (*Nahêga Surui. Pescaria com timbó – Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017*).

Assim, se constata que os Paiterey têm como princípio os atos de coletividade e solidariedade, o que é fundamental para se manterem coesos, apesar das fortes influências externas que primam pelo individualismo.

3.7 YTXAGÃREH –WEH – PESCARIA COM TIMBÓ.

O Ytxagãreh-weh é a pescaria tradicional do povo Paiter Surui. É feita com markab um cipó e de Larpiab uma espécie de casca de pau muito espumosa, ambos tirados da floresta. O material e tirados da floresta, depois preparado e amarrado com a cipó e depois colocado para misturar com o Larpiab, em seguida bate-se com um pedaço de pau até sair espuma que tem o efeito de embriagar os peixes. (FIG 14). É uma batida no cipó acelerado, pois não se pode parar. Se tiver muito intervalo, os peixes podem se fortalecer. É preciso que peguem os peixes de surpresa para que não haja reação e fugas.

Figura. 14 - Pescaria com timbó no rio Cachoeira, na Aldeia Paiter. Foto: Gasodá Surui, 2018.

As mortes dos peixes ocorrem algumas horas depois de consumir muito a espuma de markab misturado com Larpiab. Assim facilita a pescaria com facilidade e muita fartura. Ela acontece anualmente na época das secas dos rios (julho a agosto), período em que se aproveita o pouco volume de água. Todos da aldeia participam e contribuem com a pescaria: homens, mulheres, jovens e crianças.

> *A pescaria com markab e Larpiab é realizado anualmente, principalmente na época das secas dos rios. Esses são amarrados com cipó e depois batido com um pedaço de pau até sair espuma com efeito de embriagar os peixes. Enquanto um bate outro joga agua para sair a espuma mais rápido e mais forte. Quando um cansa outro substitui o companheiro. Ele deixa os peixes tontos até desmaiar. Mas esse tipo de pescaria não afeta os peixes para o próximo ano. Isso e da nossa cultura foi dado pelo Palob para nós alimentar. (Nahêga Surui. Pescaria com timbó – Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017).*

A pescaria significa a grande fartura na aldeia e todos comem peixe a vontade, tanto e que são preparados muitos pratos típicos do peixe, como: cozido, assado, assado na folha, pirão.

3. 8 MOKAIN KAR-AREH – DIA DE BUSCAR LENHA NA FLORESTA.

O Mokain kar- reh é um momento comunitário, é um espaço, onde os homens juntamente se organizam para ir buscar lenha no balaio na floresta para ser usado cozimento de chicha, cará, mandioca, milho, batata e moquecar caça durante o tempo do ritual do Mapimaí. Neste momento não pode faltar lenha no local, sempre é bom estocar lenhas suficiente para todos os dias do evento. Nesse tempo as mulheres preparam caça, chicha e outras alimentações.

3. 9 IKÕR, O GAVIÃO REAL - SIMBOLO DA LUTA PAITER

Os Paiterey afirmam que antigamente Palob nos criou éramos todos humanos. Vivíamos todo mundo juntos e visitávamos uns aos outros. Até os animais por mais que tinha esse nome como e chamado hoje. Depois o Palob resolveu transformar todos em bichos. Como por exemplo: o Ikõr (gavião –real) era gente antigamente, mas depois que se tornou bicho continuou como o nome de gavião real.

A palavra Ikõr tem um significado muito forte na cultura Paiter e não vale para qualquer pessoa. Se refere as pessoas honestas ou pessoas que gostam fazer as coisas certas, que pensam e se preocupam no amanhã. Usamos muita essa palavra em nossas reuniões e nossos rituais do nosso dia a dia, principalmente damos o nome, ensinar e educar os nossos filhos.

> *O gavião real é um animal simbólico para cultura do povo Paiter. Por isso que usamos as suas penas para fazer os cocares para o uso nas apresentações culturais e nos rituais e fazem flechas para a guerra e caçar e pescar sua alimentação. Usamos muita essa palavra no nosso dia a dia, principalmente quando vamos dar o nome, ensinar e educar os nossos filhos. Entrevista – Ubajara Surui, morador da Aldeia Paiter Linha 09 – 01 de agosto de 2017.*

O Ikõr é uma ave considerada sagrada na cultura Paiter, pois carrega consigo até hoje essa característica, veloz, forte, consegue marcar o seu território, proteger, buscar e trazer alimentos para o seu filhote. Os Paiterey usam as suas penas para fazer os cocares para o uso nas apresentações culturais e nos rituais e fazem flechas para a guerra, caçar e pescar sua alimentação. Não é qualquer pessoa que caça na floresta, a sua caçada não acontece em qualquer época do ano. Tudo é organizado e planejado para não dar correr o risco de dar errado.

Figura 15 Ikõr – Gavião-real cuida do seu ninho. Foto: Gasodá Surui, 2017.

Antigamente se cativava um ninho de gavião real para conseguir a sua pena. Pois era necessário monitorar o ninho por muito tempo até chocar. É um trabalho para conseguir, e preciso ter muita paciência.

Os Paiter usam o cocar feita com a pena do gavião real. Somente as pessoas com características semelhantes comprovadas pela sociedade Paiter têm o direito e privilegio de usar. A Figura 15 apresenta o ninho do gavião real próximo a área do Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob – Aldeia Paiter, que para nós serve como proteção territorial e cuja ave apresenta suas simbologias, inclusive para nomear as pessoas.

> *Nome do meu pai e Ikõr, não sei porque ele recebeu esse nome. Talvez ele deve ter sido uma boa pessoa para os outros e contribuído na luta pela defesa do nosso território. Vejo muitos falarem bem dele e elogia a sua pessoa. Infelizmente meu pai faleceu ainda quando era criança. Isso demonstra o quanto tenho orgulho de ser filho desse guerreiro. E muito bonito ser elogiado pelos outros pelas nossas façanhas. Triste é se auto elogiar. Entrevista – Luiz Mopilabaten Surui, morador da Aldeia Paiter, Linha 09 – 10 agosto de 2017.*

Essas representações simbólicas presentes na espiritualidade, nos rituais e na cultura constituem-se como “marcadores territoriais” relevantes, visto que integram o modo de vida dos Paiter. Entendemos ainda que tais representações contribuem significativamente com os mapas culturais, os quais expressam a percepção indígena sobre sua territorialidade e demais relações internas e externas, uma vez que é o compósito da própria realização do Universo oferecido por Palob.

CAPÍTULO IV - MAPAS CULTURAIS – O QUE SE ENTENDEM POR MAPAS CULTURAIS E COMO FAZER ESTES MAPAS?

Mapa Cultural é um instrumento cartográfico que tem como objetivo demonstrar aspectos culturais, históricos e costumeiros de um território tradicional de um ou vários povos. Pode se adquirir em uma série de formas, mas os aspectos que o definem são bem claros: é necessário que seja feito pela própria comunidade, combinado com regras cartográficas, para que o resultado final tenha precisão e ordenamento.

Logo, entende-se também como um retrato de um território e uma coletânea de elementos de uma cultura. No entanto, por trás de cada elemento, ou de classes de informações, há questões simbólicas reveladoras de visões de mundo e de valores existenciais, morais e estéticos distintos.

Esse instrumento metodológico é desenvolvido como parte de um processo de diagnóstico cultural e social que pode dar origem a fortes instrumentos políticos e formar uma semente capaz de criar boas políticas para as comunidades envolvidas, como planos de educação indígena, manejo ambiental, proteção territorial e não deve configurar um objetivo por si só, mas sim um instrumento dentro de um trabalho de fortalecimento cultural e territorial das comunidades originárias e tradicionais.

A percepção e perspectiva geográfica de formas e representações simbólicas remetem não apenas às características da cotidianidade, mas, são as expressões da ancestralidade e indissociável à cosmogonia, como condição para se compreender a Geografia Cultural a partir da lógica dos indivíduos e das coletividades.

O mapeamento cultural quanto mais participativo, se torna em ferramenta que pode contribuir para essa compreensão dos que acontecem no dia a dia, como por exemplo: problemas sociais e ambientais, na medida em que a comunidade sistematiza o conhecimento do seu território, por meio de debates que envolvem lideranças, idosos, jovens, mulheres e outros atores sociais, conforme as especificidades de cada contexto social e as prioridades da comunidade envolvida.

Compreendemos que não existe melhor do que as pessoas do próprio povo em conhecer e habitar um território, assim adquire as condições necessárias e estabelece normas, manejo, sistemas produtivos, implementação metodológicas de proteção, que visam melhorar a sua qualidade de vida.

Além do mapeamento cultural ainda tem outros importantes estudos que são ferramentas poderosas para que os indígenas e suas organizações possam tomar decisões sobre a utilização dos recursos naturais. A partir deles, as comunidades poderão garantir que os projetos a serem elaborados e executados em suas terras, busquem o desenvolvimento econômico consciente, além da geração de conhecimento e aprendizagem sociocultural, sobretudo para as futuras gerações.

Dessa maneira acreditamos que o caminho para a proteção do meio ambiente é o fortalecimento da cultura do povo indígena sustenta-se em três pilares: mapeamento, proteção e manejo. Uma vez que o mapeamento subsidia as discussões coletivas para elaboração de planos e estratégias voltadas à conservação ambiental e à proteção territorial. Como mostra a mapa cultural elaborado pela parceria ONGs: ECAM, KANINDÉ e o povo indígena Paiter Surui, (FIG. 16).

O mapeamento cultural realizado pela Metareilá em parceria com a Equipe de Conservação da Amazônia - ECAM em 2009 teve como objetivo demonstrar os aspectos culturais e históricos do povo indígena Paiter, e os mapas foram produzidos pelos próprios indígenas envolvidos na pesquisa com intuito de ser em utilizados para ensinar aos mais jovens sobre sua cultura tradicional nas aldeias, reuniões e nas escolas.

Os mapas mentais produzidos pelos Paiter trazem formas e representações simbólicas do cotidiano, da história, das guerras, dos usos dos recursos naturais, dos conflitos, do sagrado, rios e floresta, principalmente a percepção e perspectivas dos Paiter Surui para o manejo sociocultural e ambiental do território indígena. Essas representações para melhor entendimento da temática, encontra-se explicada por Almeida Silva (2010, p.76): e pode ser um modelo de gestão ambiental e territorial de um território Indígena.

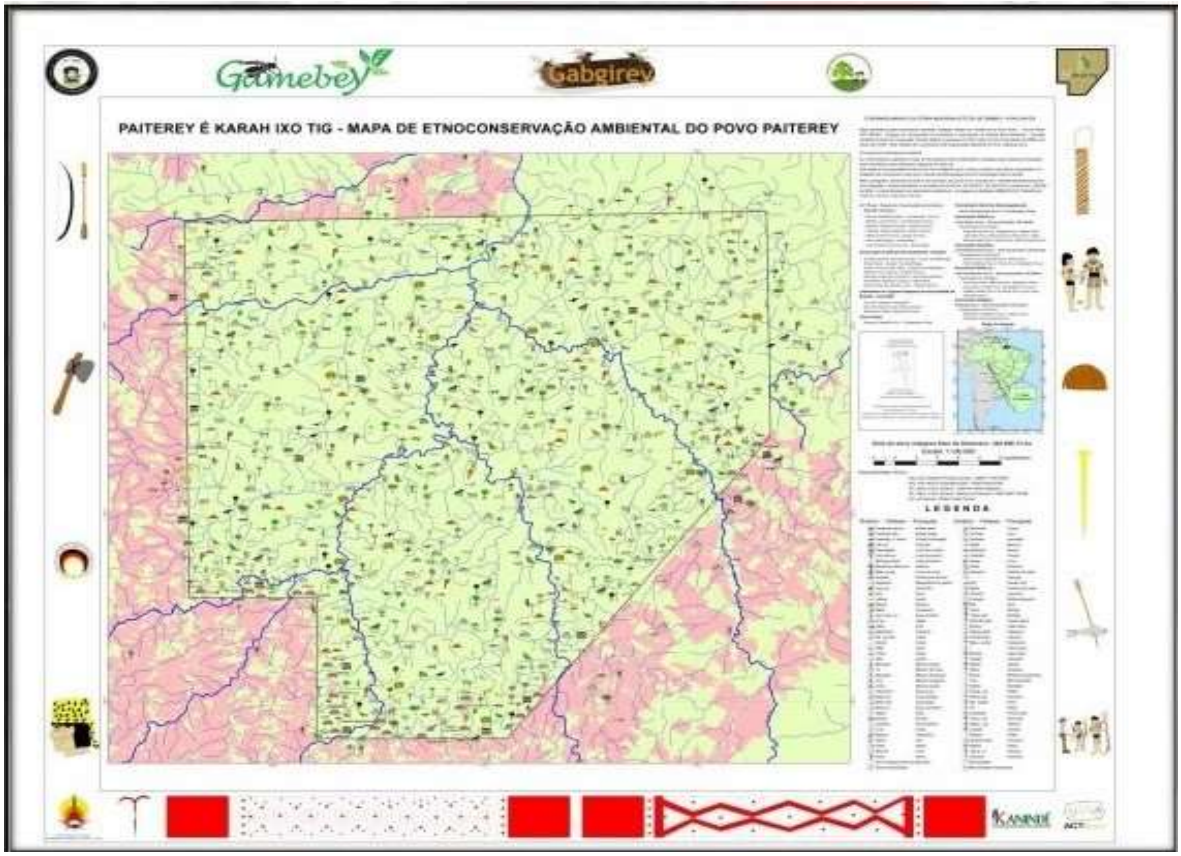


FIG. 16 Mapa Cultural da T.I. Sete de Setembro. Fonte: ECAM e Kanindé, 2009.

Ao elaborar o mapeamento cultural da Paiterey Karah, a partir do mapa mental que tem cada indígena, os Paiter Surui utilizaram os elementos representativos de sua identidade enquanto povo. Encontraram nele a representação do território e da cultura indígena, de maneira que os elementos simbólicos aparecem em toda representação gráfica, com isso contribui no fortalecimento de sua identidade.

Os instrumentos de gestão territorial e ambiental de terras indígenas são o resultado de um conjunto de experiências realizadas por diferentes atores: planos de manejo; planos de gestão territorial; planos de vida; diagnósticos participativos; estudos e pesquisas no âmbito das escolas nas aldeias, com metodologias, tempos e abordagens diferenciadas e buscam o diálogo sobre a gestão das terras indígenas.

4.1 MAPA CULTURAL NA VISÃO E QUAL A SUA IMPORTANCIA PARA OS PAITER?

Para os Paiter, o mapa cultural é uma ferramenta metodológica que tem como objetivo principal de mostrar aspectos culturais, históricos e geográficos do território, um lugar ou território tradicional. Caracteriza-se como um instrumento de fortalecimento cultural e territorial das populações indígenas e povos tradicionais, além de importante subsídio para a elaboração de planos de manejo ambiental e territorial do espaço e ambientes onde vivem. Como também e um instrumento metodológico importante para a defesa dos direitos, em especial o direito à terra e aos recursos naturais e culturais para usufruto coletivo e exclusivo do povo indígena.

Preocupado com a situação em que passa a Terra Indígena Sete de Setembro, como: exploração ilegal de madeiras, entradas clandestinas e invasores, como: caçadores, pescadores, arrendamentos de pastos que muitas das vezes acontecem clandestinamente ou até o convite de alguns indígenas alienados por qualquer custo que afeta diretamente o futuro Povo Paiter e das suas futuras gerações.

Ao conviverem com essa dura realidade os Paiter buscaram outras alternativas viáveis de viver bem no seu território. A alternativas viável visto pelos Paiterey foi de fazer o planejamento da gestão territorial e cultural do seu território que visa de fato garantir o futuro do território e da cultura Paiter no período de médio e longo prazo.

A partir desse conhecimento e entendimento formalizados, os Paiterey possam mudar essa visão exploratória que tem em relação ao seu território e aos recursos naturais existentes nela e assim a passar a usar de uma maneira mais justa e responsável assim garantir mais autonomia e melhoria de qualidade de vida ao seu povo e ao seu território e para as futuras gerações de uma maneira mais sustentável.

A elaboração do mapeamento cultural da Terra indígena Sete de Setembro é importante para demonstrar aspectos culturais, históricos e costumes do povo Paiter Surui que muitas das vezes não é visto por não ser valorizado quanto antes do contato. Pois a terra indígena dos Paiter tem um enorme potencial que é importante para sua sobrevivência no território. Como destaca a imagem da Mapa

Mental desenhado pela comunidade da Aldeia Paiter, com isso mostram de como eles fazem a gestão da área próxima à aldeia onde eles moram, que tem a forte presença dos recursos naturais e culturais (FIG. 17).

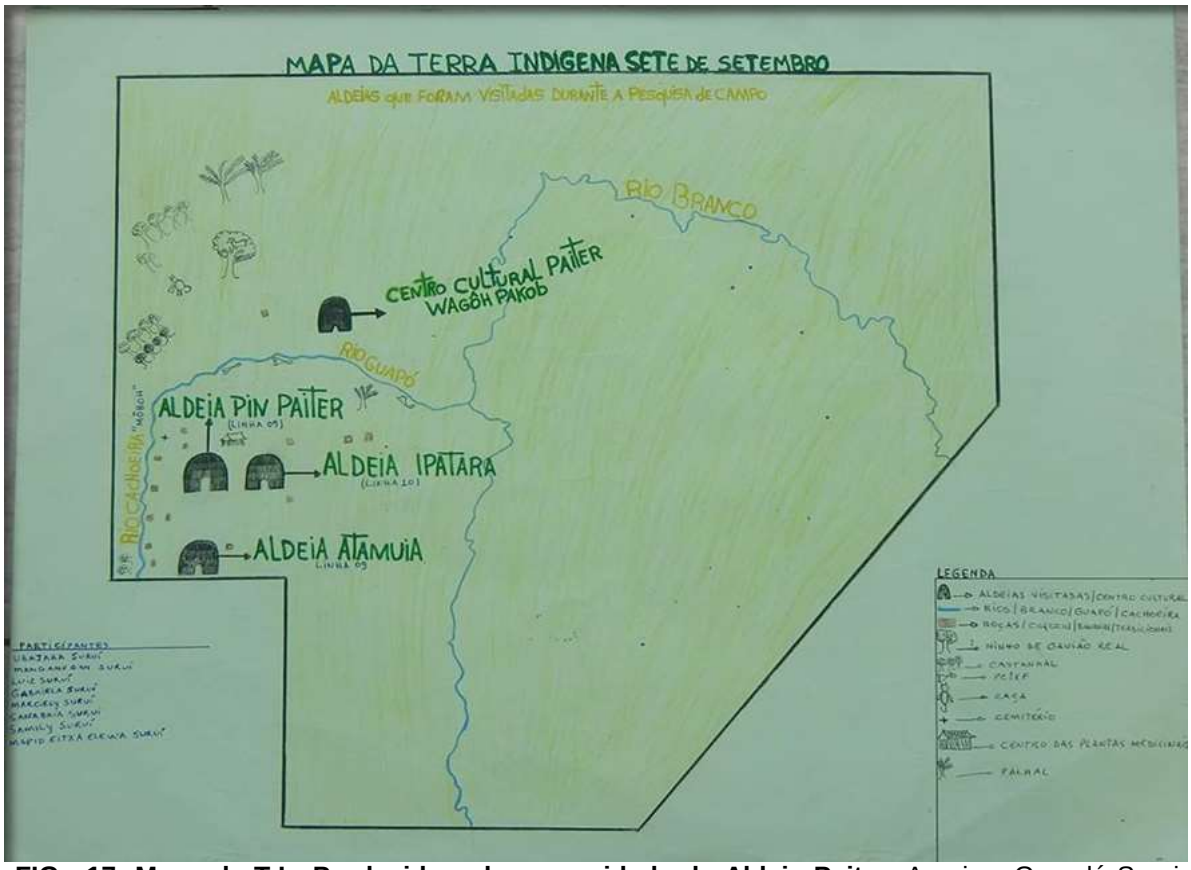


FIG. 17- Mapa da T.I. Produzido pela comunidade da Aldeia Paiter. Arquivo: Gasodá Surui, 2018.

Ao abordamos sobre os mapas culturais na visão dos povos originários, é importante refletirmos que os povos indígenas brasileiros desde o contato com a colonização, não vivem mais harmoniosamente com a natureza, como viviam antes do contato com a sociedade ocidental. E que estão em buscam de sua sobrevivência, que geralmente se torna um desafio, essa é uma situação que não é diferente para os povos indígenas que vivem no estado de Rondônia, inclusive para os Paiter Surui que habitam a Terra Indígena Sete de Setembro o povo que será tratado nesta pesquisa.

A metodologia para a elaboração de um mapa cultural colaborativo define cincos momentos de grande importância para o registro dos aspectos culturais de um povo, três desses ocorrem com o caráter colaborativo e orientador e dois de autonomia do povo indígena com a apropriação dos instrumentos metodológicos e conceitos construídos durante as etapas colaborativas.

Esses instrumentos de planejamentos são importantes porque fornece subsidio para a gestão territorial em terras indígenas a partir da produção e uso de informações descritivas e mapas temáticos hidrografia, vegetação, caça, pesca, extrativismo, invasão, histórico, ocupação humana e outros.

> *Culturalmente nós Paiter sempre tivemos certeza de que a floresta e nossa vida. Pois ela nos oferece tudo que é importante para nossa sobrevivência. Como: produtos da roça, caça, pesca, medicinas tradicionais e outros. E nossa preocupação e cuidar dessa riqueza que a natureza nos deu. E o mapeamento cultural e importante para identificar esse potencial que a natureza nos reserva. Porque se a gente não cuidar direito podemos correr o risco de perder tudo a qualquer momento. (Luiz Mopilabaten Surui – Entrevista: A importância do mapa cultural para o povo Paiter – Agente de Saúde da Aldeia Paiter Linha 09 – março de 2018).*

O mapeamento cultural colaborativo contribui para a compreensão dos problemas sociais e ambientais, na medida em que a comunidade sistematiza o conhecimento do seu território, por meio de debates entre os diversos atores sociais, conforme especificidades do contexto social e da comunidade envolvida. Ao se conhecer o território, onde habita, além de fortalecer os vínculos com o mesmo, adquire as condições necessárias para estabelecer normas, manejar sistemas produtivos, implementar metodologias de proteção e melhorar sua qualidade de vida.

4.2 CALENDÁRIO CULTURAL PAITER – PAITER AGÃRBAH IXOH TIG.

Os povos indígenas, como outros povos, têm à sua maneira de marcarem a passagem do tempo e com isso se organizarem conforme a cultura tradicional. No caso dos Paiter Surui, a passagem do tempo está relacionada com o tempo e as suas épocas durante o ano. Para desenvolver atividades, como: roçada, limpeza na roça, colher cará, mandioca, milho, amendoim, coletar frutas, pescaria, caçada depende a época de cada um durante o ano.

Para o povo Paiter Surui a maneira que eles se organizam e se planeja as suas vidas cotidianamente durante o ano no trabalho da roça, caçada, pescaria, plantio, colheita, coleta de frutas, fazer chicha e rituais que se entende como calendário cultural para o povo. Cada atividade acontece conforme a sua época. Como por exemplo podemos citar a pescaria com timbó, que só realiza na época

certa e principalmente na seca dos rios. Assim como a roçada e só feita no período a estiagem, assim facilita para secar rápido para queimada.

O Mapimaí sempre acontece no segundo semestre do ano, depois das colheitas. Vejamos no calendário cultural abaixo produzido pelos Paiter, como eles se organização e planejam no seu dia a dia as suas atividades agrícolas, festas, coletas de frutas, mel, caçada, pescaria atividades ancestrais e sua relação com as questões culturais e natureza, (FIG. 18).

Figura. 18 Calendário Cultural Paiter, produzido na aldeia Paiter. Arquivo: Gasodá Surui, 2018.

A divisão dos trabalhos e atividades desenvolvidas pelo povo Paiter ao longo do ano distribuídas no quadro a seguir:

Quadro 2 - Dados de janeiro a dezembro do calendário.

Mês ano	Atividades desenvolvidas durante o ano.
Janeiro	Mês de chuvas e época das cheias dos rios.
Fevereiro	Época de colher milho
Março	Época do cará Época de fazer chicha de milho, cara, mandioca novo;
Abril	Chegada do verão
Maio	Época da vazão do rio;
Junho	Época de derrubada da mata para o plantio Realização do Mapimaí
Julho	Época de pescaria Época de tirar gongo
Agosto	Época de pescaria(timbó)
Setembro	Coletas das frutas do mato
Outubro	Início das chuvas; Começo do plantio;
Novembro	Continuação do Plantio do cara, batata, mandioca, inhame e amendoim;
Dezembro	Época de coletar castanha

Fonte: Gasodá Surui, 2018.

Essas configurações de organizar e marcar o tempo é comum entre todos os povos, entretanto, os indígenas fazem sua construção em decorrência da experiência em seu espaço de ação e na relação que estabelecem com a natureza.

> Para nós Paiter Surui a maneira que nos se organizamos ao longo do ano os nossos trabalhos na roça, preparativos das festas, rituais, caçada, pescaria, coletas de frutas e mel que se entende como nosso calendário cultural Paiter. Entrevista: Ubajara Surui, morador da aldeia Paiter, 01 de agosto de 2017

É da percepção, da observação, da vivência e da relação com a Mãe-Natureza que organizam o mundo, no caso dos Paiterey, isso ocorre para as atividades relacionadas ao manejo ambiental, o período de plantar e de colher, de caçar e de pescar, de realizar seus rituais e festividades. Neste sentido, o capítulo seguinte apresenta um conjunto de imagens que auxiliam na explicação do Universo e da territorialidade Paiter a partir do contato oficial em 1969 e culmina com os registros efetuados na atualidade para a elaboração da dissertação.

.

CAPÍTULO V - A HISTÓRIA PAITER ATRAVÉS DE IMAGENS

Neste capítulo trabalhar com as fotos dos Paiter Surui a qual a pesquisa está diretamente relacionada. As imagens apresentam a trajetória de vida do povo, desde antes do contato até os dias atuais. Entendemos que durante todo esse tempo houve muitos fatos e acontecimentos que aconteceram, com veracidade marcaram nossas vidas, e que ficaram marcadas nas memórias de todos nós.

Há 49 anos do primeiro contato, uma coisa temos certeza, que os fatos que aconteceram na vida do nosso povo, independente seja boa ou ruim servirá de lição e aprendizado, mas também buscar o seu espaço e melhor compreender a cultura da sociedade ocidental.

Figura 19 Aldeia Paiter antes do contato com a FUNAI. Foto: Possidônio Bastosi,1968.

Resistir bravamente ao forte impacto de uma cultura diferente da sua não é para qualquer povo, portanto através das fotos podemos ver um pouco da luta dos Paiter Surui para encarar essa dura realidade, e as estratégias usadas para superar esses desafios, principalmente no que diz respeito à demarcação e reconhecimento do território, valorização e preservação da cultura, epidemias, conflitos e invasões (FIG 19).

A imagem retrata o Paiter Iamaah (aldeia Paiter), pouco antes do contato com a Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Uma aldeia diferente do que vemos nos dias de hoje nas aldeias Paiterey da Terra Indígena Sete de Setembro. Com moradias totalmente tradicional, como malocas. Portanto é possível refletir ainda essa forte lembrança de como os Paiter viviam totalmente integrados a sua cultura e vida e a natureza.

Nela visualizamos a floresta ainda intacta, bem preservada e original com toda sua rica biodiversidade. As moradias na época totalmente no estilo arquitetônico Paiter, feitas de palhas de babaçu a qual chamamos de “LAB” que em língua portuguesa significa maloca ou oca. Essas malocas geralmente cabiam mais de uma família. Assim todos viviam unidos e alegres.

Figura 20 Aldeia Paiter após contato com FUNAI. Foto: Betty Mindlin,1979.

Na imagem 20 visualizamos a Aldeia Nabekod Abalakiwah (Aldeia Sete de Setembro ou Linha 12) que também conhecido como aldeia do contato com a FUNAI. Antes de contato com a sociedade não indígena os povos Paiter viviam em uma única aldeia. Na sua aldeia os Paiter se concentravam para fazerem os seus trabalhos do dia a dia, seja homens, mulheres, jovens e crianças.

Os homens faziam trabalhos de roça, plantio, caça, pesca em coletivos para atender a alimentação das suas famílias. Além dos cuidados e segurança que faziam pela sua aldeia e o seu território de ataques de outros povos.

Enquanto as mulheres cuidavam das suas casas, seus filhos e preparava a alimentação para manter a família forte e saudável para a luta pela sobrevivência.

Os Paiter costumavam acordar muito cedo para sentar do lado da fogueira para se esquentar no fogo à frente da sua maloca com outros para tomarem chicha, contar histórias e se esquentar no fogo. Isso acontecia mais na época da friagem. E depois ia para o rio tomar banho. Só assim o Paiter se sentia forte e corajoso e disponível para todo o momento para da sua vida na aldeia. Isso também faz parte da regra de vivencia e da saúde Paiter (FIG 20).

Na (FIG. 21) retrata o momento do primeiro contato pacifico dos Paiter com os não indígenas ou vice-versa. Uma das mais tristes lembranças guardadas pelos Paiter. Pois ali começavam tudo, início de uma nova era.

Figura 21 Primeiro contato com a FUNAI. Foto: Jesco von Puttkamer,1969.

Caracteriza-se como o primeiro contato oficial dos Paiterey com os Yarah Ey não indígena, no exato momento do contato, em que se deu por meios de trocas de presentes para aproximar um povo do outro, no caso a FUNAI à época comanda pelos sertanistas Francisco Meirelles e seu filho Apoena Meirelles.

A imagem nos dias atuais nos ocasiona tristes lembranças, pois ali começava o grande desafio a ser enfrentado em nossas vidas. Os Paiter costumam dizer que a grande desgraça da vida do povo foi trazida nas pontas dos facões que foram usados como “agrados” no momento do contato, além de,

panelas, facas, espelhos as quais serviram para nos atrair para que pudessem chegar a encontro do Yarah ey, que significa em Tupi Mondé (homem civilizado ou pessoa não indígena).

Mas ao mesmo tempo entendemos que por outro lado o contato acabou com as guerras com outros povos indígenas da região (FIG 22).

Figura 22 - Tratamento de epidemias na época do Contato. Foto: Arquivo Funai, 1969.

As epidemias trouxeram várias mortes, principalmente causadas por tuberculose, gripe e sarampo que dizimou quase totalmente o povo Paiter os nossos, velhos, jovens e crianças, (FIG 23).

Figura 23 - Morte por epidemias. Foto: Arquivo Funai,1969.

O contato foi tão assustador que levou o povo Paiter a um choque cultural muito grande e praticamente atrapalhou o modo de vida, sua saúde e a harmonia com a natureza. E não demorou muito para que os Paiter começassem a sentir o efeito dessa integração e sofrer as consequências dessa mudança de hábito que trouxe uma epidemia de doenças muito grande e fatal que dizimou quase mais da metade da sua população. Como era início de uma nova vida a qual praticamente não tínhamos nenhum conhecimento, ficamos sem saber o que fazer, ou seja, observar nosso povo morrer nos braços de seus familiares.

Já nos momentos atuais os Paiterey desenvolveram vários estudos e projetos e entre estes o mapeamento cultural, pois visa proteger o território e a cultura, o registro destes momentos são importantes para ver o caminhar do povo na busca da autonomia perdida com o contato (FIG 24).

Figura 24. Mapeamento cultural. Foto: Arquivo ECAM, 2007

Ainda na Figura 24, a imagens dos sabedores da cultura ancestral Paiter demonstra a contribuição na elaboração do mapa cultural da Terra Indígena Sete de Setembro na sede da Associação Metareilá do povo Paiter Surui. Que consta as informações sobre a vida Paiter antes e pós contato com a sociedade ocidental foram de fundamental importância para a elaboração da dissertação. Portanto foi se necessário buscar informações relevantes diretamente nas fontes.

Assim os nossos anciões também contribuíram na nossa pesquisa com o repasse de informações sobre o que pensa a respeito do território Paiter e a sua importância para o povo Paiter. As informações repassadas são fundamentais para a construção do trabalho. Pois não existem pessoas melhores do que eles para falar da história de vida do povo Paiter Surui de uma maneira bem detalhada (FIG 25). O ancião Atamuia Suruí do Clã Gãmeb no momento da entrevista na sua aldeia na T. I. Sete de Setembro.

Figura 25. Ancião em entrevista. Foto: Gasodá Surui, 2018

Roda de conversa com alguns moradores da Aldeia Paiter LINHA 09, durante a pesquisa de campo realizado sob a orientação do meu orientador professor Dr. Adnilson de Almeida Silva. (FIG 26).

Figura 26. Roda de conversa com a participação do orientador. Foto: Gasodá Surui, 2018

O fortalecimento cultural e um dos temas prioritárias que envolve as questões do povo Paiter Surui. A maior preocupação e o avanço do processo desenvolvimentista a qualquer custo, que traz má influência e que se torna um desafio para a vida do povo Paiter. Por isso a meta e criar um plano estratégico que fortalece a pratica cultural do povo Paiter. Nesse sentido criaram o Centro Cultural Indígena Paiter Wagôh Pakob com esse objetivo de trabalhar com conscientização e fortalecer a pratica da cultura Paiter (FIG 27).

Figura 27 Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob. Foto: Gasodá Surui, 2018

A pescaria com timbó é uma das principais atividades tradicionais importante para o povo Paiter Surui, pois é a maneira de buscar seu alimento com muita fartura para aldeia toda, (FIG 28). E uma pesca coletiva, em que todos participam, assim fortalecem os laços culturais do povo Paiter Surui.

Figura 28 - Pesca com timbó. Foto: Gasodá Surui, 2018.

Alimentação tradicional, um marcador cultural importante para o povo Paiter Surui (FIG 29 e 30).

Figura 29. Alimentos tradicionais. Foto: Gasodá Surui, 2018

Figura 30 - Alimento tradicional. Foto: Gasodá Surui, 2018.

Durante as pesquisas de campo foram produzidas mapas mentais e calendário pelos Paiterey da aldeia Paiter Linha 09. (FIG 31).

Figura 31 - Produção do calendário Paiter, Aldeia Paiter. Arquivo: Gasodá Surui, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão de estudar a importância a cultura do meu povo e como esses se organiza no território Paiterey Karah (Terra Indígena Sete de Setembro) a partir das suas compreensões e cosmovisões ligado à luta e ao desejo de desempenho autônomo na gestão do seu território.

Constatamos durante a pesquisa que o povo Paiter Surui construiu ferramentas importantes para a gestão da terra indígena como o Plano de Gestão para os próximos 50 anos, o Etnozoneamento, o Plano de turismo, o reflorestamento, o mapeamento cultural, e todos visam suas potencialidades e preservação da cultura.

O povo Paiter Surui deve muito as suas lideranças que lutaram muito no início de contato pela demarcação do seu território, e conseguiram seu intento junto ao Governo com essa reivindicação.

Os estudos acima apontados são importantes, no entanto, não foram muitos valorizados por alguns indígenas que aliciados pelos madeireiros e garimpeiros não tem interesse em preservar a cultura e muito menos em proteger o território. O Governo também, representado pela FUNAI, Secretaria Estadual de Educação, Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena não utilizam o Plano de Gestão, acreditamos que se deva ao fato por ter sido elaborado pelos indígenas, e por atuarem sempre no emergencial, nunca como estratégia de melhorar a vida do povo indígena Paiter Surui.

Preocupação em demonstrar o quanto os Paiter Surui avançaram e como estes instrumentos de gestão desenvolvidos por eles, devem ser utilizados na gestão territorial de sua terra.

Os diálogos com nossos parentes Paiter mostraram o que pensavam e queriam para seu futuro e do seu território, e como conheciam os estudos e a importância destes para a implementação dos instrumentos criados.

A pesquisa buscou incentivar os parentes Paiter e despertar nos órgãos governamentais a necessitarem de implementarem o território por meio da utilização do Plano de Gestão e os demais estudos desenvolvidos e esperamos para o futuro, ingressar no doutorado, aprofundarmos as pesquisas e contribuir com o povo na gestão da Paiterey Karah.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. **Cartografia social e dinâmica territoriais**: marcos para o debate. 2.ed. Rio de Janeiro IPPUR/UFRJ, 2012.

ACT-BRASIL. **Metodologia de mapeamento cultural colaborativo**. Brasília: ACT Brasil, 2008.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades e identidade do coletivo Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**: "Orevaki Are" (Reencontro) dos "Marcadores Territoriais". Tese (Doutorado em Geografia). Curitiba: UFPR/SCT/DG/PPGMDG, 2010.

_____. **Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

_____. et al. O ritual Mapimaí no processo de construção da territorialidade Paiter Suruí. **Confins** (Paris), v. 24, p. 1-18, 2015.

BAVARESCO, Andréia; MENEZES, Marcela. **Entendendo a PNGATI**: Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Indígenas. Brasília: GIZ/Projeto GATI/FUNAI, 2014.

CARDOZO, Ivaneide Bandeira. **Iway e Metare a marca do território Paiter Surui**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Velho: PPGG/UNIR, 2012.

_____. (Org.) **Códigos e Normas Paiter Surui**. Autoria coletiva realizada pelo Povo Paiter Surui. Porto Velho: Kanindé, 2014.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Antropologia Filosófica**: Introdução a uma filosofia de la cultura. 5.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1968 [1944].

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

MACHADO, Meline Cabral. **Mapeamento Cultural e Gestão Territorial de Terras Indígenas**: O uso dos Etnomapas. Dissertação (Mestrado em Geografia). Brasília: ICH/DG/PPGG/UNB, 2014.

MINDLIN, Betty. **Nós Paiter**: os Surui de Rondônia. Petrópolis: Vozes, 1985.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1980. (Trad. Maria Cecília França).

LEFEBVRE, HENRI. **Pour connaître la pensée de Karl Marx** – nouvelle edition - (1948)

ENTREVISTA COM OS ANCIÕES PAITEREY

SURUI, Almir Narayamoga. Trecho da fala. Precisamos todos agir e contribuir para um futuro possível, se quisermos que a vida continue existindo na superfície do nosso planeta - (Almir Narayamoga Surui, líder do povo Paiter Surui, 2010).

SURUI, Atamuia. **História da Origem da Humanidade/Paiter**. (Entrevista). Aldeia Atamuia - Linha 09: 03 de agosto de 2017.

SURUI, Gãlib. **O jeito de ser Paiter**. (Entrevista). Aldeia Linha 10 Central. 07 de janeiro de 2018.

SURUI, Nahêga. **A organização política tradicional do povo Paiter**. (Entrevista) Raimundo Nahêga Surui – Aldeia Paiter, 04 de novembro de 2017).

SURUI, Nahêga. **Construção de maloca tradicional Paiter**. (Entrevista). Raimundo Nahêga Surui. Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017.

SURUI, Nahêga. **Ytxagãreh - Pescaria com timbó**. (Entrevista). Raimundo Nahêga Surui. Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017.

SURUI, Nahêga. **A importância do Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob.** (Entrevista). Raimundo Nahêga Surui. Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017.

SURUI, Gãtoten. **A importância da pintura corporal para o Povo Paiter**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09 – 02 de março de 2018.

SURUI, Luiz Mopilabatem. **A importância da roça para o Povo Paiter**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09 – 02 de março de 2018.

SURUI, Luiz Mopilabatem Entrevista: **Ikõr, nome do meu pai**. Morador da Aldeia Paiter, Linha 09 – 10 agosto de 2017.

SURUI, Ipatara. **Porque a floresta e cultura e importante para a vida dos Paiter**. (Entrevista). Aldeia Central Linha 10: 02 de agosto de 2017.

SURUI, Ipatara. **Importância do Parlamento Paiter.** (Entrevista). Aldeia Central Linha 10 - 13 de setembro de 2017.

SURUI, Ipatara. **Porque o Mapimaí é importante para a vida dos Paiter**. (Entrevista). Aldeia Central Linha 10: 02 de agosto de 2017.

SURUI, Luiz Mopilabatem. **A importância do mapa cultural para o povo Paiter**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09 – março de 2018.

SURUI, Manganogan. **A importância de valorizar e preservar a floresta na visão da mulher Paiter**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09: 30 de julho de 2017.

SURUI, Manganogan**. O contato dos Paiterey com os não indígenas.** (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09, novembro de 2017).

SURUI, Ubajara. **O mito de gavião real como símbolo de paz na cultura Paiter**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09: 01 de agosto de 2017.

SURUI, Ubajara. **A importância da organização social Paiter**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09. 10 agosto de 2017.

SURUI, Ubajara. **O ritual do Hoeyateim para cura dos doentes**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09: 01 de agosto de 2017.

Sites Consultados:

http://hernehunter.blogspot.com.br/2014/03/espiritualidade-indigena.html

https://centro-cultural-indigena-wagoh-pakob8.webnode.com/localizacao-do-centro-cultural-indigena-wagoh-pakob/